

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

DENISE MAYUME PEREIRA KAMADA

**A CONSTRUÇÃO DA FAVELA TURÍSTICA: O CASO DE VILA
CANOAS, RJ**

DOURADOS – MS

2015

DENISE MAYUME PEREIRA KAMADA

**A CONSTRUÇÃO DA FAVELA TURÍSTICA: O CASO DE VILA
CANOAS, RJ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados para obtenção do Título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Sociologia.

Linha de Pesquisa: Cidadania, Diversidade e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof^ª Dr^ª Patrícia Alves Ramiro

DOURADOS – MS

2015

TERMO DE APROVAÇÃO

DENISE MAYUME PEREIRA KAMADA

**A CONSTRUÇÃO DA FAVELA TURÍSTICA: O CASO DE VILA
CANOAS, RJ**

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia,
da Universidade Federal da Grande Dourados, pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a PATRÍCIA ALVES RAMIRO

Orientador/Presidente

Prof. Dr. ÁLVARO BANDUCCI JÚNIOR

Membro Titular

Prof. Dr. WALTER ROBERTO MARSCHNER

Membro Titular

APROVADO EM: ____/____/_____

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Silvia e Pedro, pelo amor, a confiança e a segurança carinhosa que mesmo de longe me acalenta e conforta, porto seguro em meio a loucura.

À minha orientadora Patrícia, por caminhar junto comigo de maneira sempre generosa e sensível, pela paciência durante a execução deste trabalho e por me inspirar de diversas formas ao longo destes anos. Obrigada!

Ao corpo docente do PPGS da UFGD, sobretudo aos professores Cláudio Reis, Márcio Mucedula, André Faisting e Walter Marschner que contribuíram de maneira significativa para o meu crescimento intelectual; e também aos funcionários e todos aqueles envolvidos no cotidiano da Faculdade de Ciências Humanas e da Biblioteca, principalmente ao José Welton, da secretaria e à Luciana da cantina.

Aos amigos e amigas Sandra, Jatene, Fabiane, Ana Paula, Marina, Maelly, Daniel, Denilson, Rogério e Sara, que desde as primeiras aulas criaram laços fortes de amizade, companheirismo e partilha. Momentos que deixam saudades, mas também o desejo de sucesso e felicidades a partir daqui.

Ao Aslan, Roberto, Carla, Marilize, Heron, Clara, Felipe Maranezzi, Felipe Gomes, Olívia, Letícia, Beatriz, Luiz Felipe, Nathália e Renata pelos encontros e reencontros que os caminhos da vida nos proporcionam. Por causa do destino, sorte ou energia, me deparei com almas alegres e especiais, fazendo especiais e eternos também todos os bons momentos vividos na Terra Dourada.

Aos amigos Laís, Rafaella, Annie, Samira, Marcelo, Murilo, Tia Mery, João Paulo, Alisson Guigen, Sumaya, Priscilla, Mari Tomazin, Mari Camilli, Thiago, Renato, Cocão, Samara, Pollyana, Thaylla, Luana, Carlinha, Zé Pedro, Théo, Júlica e Gabi. Obrigada pelo abraço apertado, pelo ouvido atencioso e pelas conversas que me incentivaram madrugada a dentro. Mais ainda, agradeço as lembranças, o amor e a amizade que ultrapassa os anos, perdura e revigora a cada nova etapa.

Ao Alisson Marques, Lucas Suart, Jodeir, Felipe, Amara e Larissa pela companhia durante a realização do estágio docência e por me fazerem sentir o que é nostalgia. Em especial à Júlia e Bruna, pelo colchão amigo e todo o carinho.

À minha família, tios, tias, primos, primas e agregados e ainda mais às minhas crianças, Bianca, Matheus e Marcos, por terem as risadas mais gostosas do mundo. E

também à minha gatinha Luiza, pela companhia silenciosa e doce durante as noites de escrita.

Aos moradores Vila Canoas pelo acolhimento, gentileza e simpatia dirigidos a mim desde as primeiras visitas à comunidade. Momentos alegres, prosas nas calçadas, café da tarde seguido de histórias de vida. Todo carinho, respeito e gratidão por me receberem de braços abertos e sorriso no rosto. Em especial, agradeço ao Marcelo, Leonardo, Eneida, Antônio e todas os moradores que fraternalmente colaboraram para realização desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos os cidadãos que contribuem diariamente, de diversas maneiras para a realização de pesquisas como esta, para a execução de projetos de extensão e para a manutenção das universidades brasileiras, ainda que poucos tenham acesso à elas.

RESUMO

Este trabalho analisa de que forma o turismo acontece na comunidade de Vila Canoas, localizada no bairro de São Conrado, zona sul do Rio de Janeiro. Por priorizar a visão do morador, dentre as atividades turísticas que acontecem na comunidade, optamos por selecionar a hospedagem doméstica, serviço que compreende a hospedagem de turistas nas residências locais. Neste processo, aqueles que optam por trabalhar no serviço de hospedagem tornam-se anfitriões e passam a dividir o espaço de suas casas com os visitantes e a desempenhar as atividades que este tipo de serviço exige. Utilizamos como metodologia a pesquisa de campo e entrevistas orais, como forma de conhecer as motivações que partem dos anfitriões para o trabalho que realizam. Considerando que estes moradores desempenham um novo papel social diante dos turistas que se hospedam em suas casas, o de anfitriões, o qual é amparado pelo conjunto de elementos culturais, baseados no espaço da favela, do lar e modo de vida local, como fruto da hospedagem, observamos que, além de um novo negócio, há também, nalguns destes encontros, a formação de laços de sociabilidade entre turistas e as famílias hospedeiras. Esta interação, quase sempre induzida por uma esfera de hospitalidade, chega a resultar na formação de laços de amizade entre os grupos envolvidos, tido como um dos ganhos simbólicos relevantes para a realização da hospedagem. Outro resultado apresentado refere-se às questões de gênero envoltas neste segmento turístico, quando representações relegadas à figura feminina e à divisão do trabalho doméstico perpassam este tipo de atividade.

ABSTRACT

This paper analyzes how the tourism takes place in the community of Vila Canoas, located in the neighborhood of Sao Conrado, south zone of Rio de Janeiro. By prioritizing the resident view, among the tourist activities that take place in the community, we decided to select domestic accommodation, service that applies hosting tourists in local homes. In this process, those who choose to work in the hosting service become hosts and start to share the space in their homes to visitors and to perform activities that require this type of service. We used as a methodology field research and oral interviews as a way to know the motivations that lead the hosts to the work they do. Whereas these residents play a new social role before tourists staying in their homes, the hosts, which is supported by the set of cultural elements, based on the slum area, home and local way of life, as a result of hosting, we noted that in addition to a new business, there is also, in some of these meetings, the formation of sociability ties between tourists and the host families. This interaction, often induced by a sphere of hospitality reaches result in the formation of friendship between the groups involved, considered one of the relevant symbolic gains for the realization of hosting. Another result presented refers to the gender issues in this tourist segment, when representations relegated to the female figure and the division of housework underlie this type of activity.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1. MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	14
2. FAVELA: HISTÓRIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E REPRESENTAÇÕES	21
2.1 <i>SURGIMENTOS DAS FAVELAS CARIOCAS: DO CORTIÇO AO MORRO DA FAVELLA</i>	21
2.2. <i>FAVELA, IMAGENS E REPRESENTAÇÕES</i>	25
2.3. <i>A FAVELA DE VILA CANOAS</i>	35
3. A HOSPEDAGEM DOMICILIAR: A CONSTRUÇÃO DA FAVELA TURÍSTICA NA VISÃO DE SEUS MORADORES	41
3.1. <i>A FAVELA COMO BEM DE CONSUMO NO TEMPO DO LAZER: HISTÓRICO DO TURISMO EM FAVELA NO RIO DE JANEIRO</i>	41
3.2. <i>DE MORADORES LOCAIS A ANFITRIÕES: HISTÓRIAS DE VIDA E MOTIVAÇÕES PARA O TURISMO</i>	47
3.3. <i>A FAVELA TRANSFORMADA EM PALCO: CARACTERIZAÇÃO DE VILA CANOAS</i> 59	
4. O TURISMO EM FAVELA COMO ENCONTRO DE CULTURAS	70
4.1. <i>INTERAÇÃO, REPRESENTAÇÃO E HOSPITALIDADE: O TURISMO E A SOCIABILIDADE</i>	74
4.2. <i>O TURISMO COMO RUPTURA: VISÕES ANTAGÔNICAS SOBRE A HOSPITALIDADE</i>	79
4.3. <i>HOSPEDAGEM DOMICILIAR E AS QUESTÕES DE GÊNEROS</i>	82
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
<i>SITES REFERENCIAIS</i>	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: charge publicada em 1893, pela revista Ilustrada, se referindo a destruição do cortiço Cabeça de Porco

Figura 2: Vista panorâmica do Morro da Favela

Figura 3: Casas de cômodo da rua Frei Caneca, em 1904

Figura 4: Avenida Central registrada do por Malta em 1906.

Figura 6: proposta idealizada por Agache para remodelamento da região central do Rio de Janeiro

Figura 7: Caricatura de Oswaldo Cruz e campanha de Saneamento

Figura 8: Pedra da Gávea vista da Praia do Pepino, São Conrado

Figura 9: vista aérea do bairro de São Conrado

Figura 10: Crescimento vertical da favela de Vila Canoas

Figura 11: Praça São Paulo

Figura 12: Entrada da comunidade, com saudação em mosaico

Figura 13: área externa da casa da anfitriã Rosa

Figura 14: Evolução da hospedagem oferecida pela agência Favela Receptiva

Figura 15: Logo Favela Receptiva

Figura 16: Turistas da *Favela Tour*

Figura 18: Visita guiada: turistas na praça São Paulo

Figura 19: Imagem de marketing da agência Favela Receptiva

Figura 20: Turistas e a anfitriã Eneida

Figura 21: Vista do terraço da casa da anfitriã Rosa

Figura 22: Viela de Vila Canoas

Figura 23: Entorno da comunidade e a estrada das Canoas

Figura 24: Praia do Pepino e Pedra da Gávea

Figura 25: Ponto de concentração de bares e restaurantes em Vila Canoas

Figura 26: Associação de Moradores de Vila Canoas, enfeitada por meio do Projeto Mosaico

Figura 27 e 28: Residência da anfitriã Eneida

Figuras 29: Hospedagem oferecida pela agência Favela Receptiva

Figura 30, 31: Casas destinadas a hospedagem domiciliar

Figuras 32 e 33: Resultado das reformas na residência da anfitriã Vera

Figura 34: Fiação de Vila Canoas e crescimento vertical

Figura 35: Família anfitriã juntos aos turistas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMUVICA: Associação de Mulheres de Vila Canoas

CIC: Centro de Integração Comunitária

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONG: Organização Não Governamental

PAC: Programa Aceleração do Crescimento

PUC-RJ: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SEBRAE: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UPP: Unidades de Polícia Pacificadora

Introdução

Contrariando as definições usuais que descrevem o turismo que como “uma indústria”, visão um tanto estreita sobre a atividade, esta pesquisa prioriza o enfoque social e cultural da atividade.

No mundo globalizado as viagens são cada vez mais numerosas e seus formatos cada vez mais diferenciados. Ainda que a maioria dos estudos privilegiem aspectos econômicos do turismo, nas últimas décadas começam a surgir estudos nas áreas das ciências humanas preocupados, quer com os impactos da atividade para as populações receptoras, quer sobre uma possível necessidade de se autoconhecer a partir do encontro com o outro.

Dos muitos termos cunhados para dar conta destas transformações, surgem denominações como: turismo cultural, turismo de experiência, turismo solidário e/ou humanitário, entre outros. Neste trabalho abordaremos a questão do turismo em favelas, o qual, no Brasil, teve seu início na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1992.

Reconhecidamente um dos principais polos turísticos nacional, a cidade amplia o espaço de ocupação dos visitantes para algumas favelas, favorecidas do ponto de vista espacial pela proximidade com outros atrativos e também por iniciativas do poder público e privado.

Dentre estas iniciativas, podemos citar a implantação das UPPs (Unidades de Política Pacificadora), promovida pela Secretaria de Segurança do município, com o objetivo fornecer uma suposta esfera de segurança para as favelas, possibilitando a firmação de negócios para investidores externos, dentre eles, empreendimentos voltados ao turismo. Sendo assim, as UPPs se concentraram, primeiramente, nas favelas próximas aos principais atrativos turísticos e, posteriormente, atingiram regiões próximas aos centros esportivos, aeroportos e as vias de acesso da cidade.

Como objeto de estudo, realizamos a pesquisa junto à Favela de Vila Canoas, localizada no bairro de São Conrado, na zona sul carioca. Próximo à favela de Pedra Bonita e Rocinha, o local se situa na encosta do Parque Nacional da Tijuca, com vista para a Pedra da Gávea, utilizada para prática de voo livre e cartão postal da cidade.

Nos últimos anos, Vila Canoas vêm recebendo um número significativo de visitas, sobretudo de estrangeiros. Atuam na comunidade duas agências de turismo: a Favela Tour, que oferece passeios guiados com roteiro integrado entre a Favela da Rocinha e Vila Canoas; e Favela Receptiva, oferecendo a hospedagem domiciliar, além

de algumas famílias que oferecem o mesmo produto, mas não possuem vínculo com nenhuma agência. Neste tipo de serviço, agenciados ou não, os encargos de preparação, recepção e hospedagem são oferecidos aos turistas pela comunidade local.

Nesta pesquisa, o olhar está direcionado para a hospedagem doméstica, para captar mais a dinâmica social envolvida no processo de consumo da favela enquanto produto turístico, sob a ótica das famílias anfitriãs. Ao optar por este serviço, considerou-se que ele é capaz promover uma maior interação entre os dois grupos envolvidos na hospedagem.

Parte desta percepção em relação à interação proposta pela hospedagem doméstica se deu devido às observações da pesquisadora colhidas durante a realização da monografia de conclusão do curso de graduação em Turismo, realizada entre anos de 2010 e 2011. Na ocasião, a pesquisadora teve, pela primeira vez, contato com a favela de Vila Canoas e a hospedagem realizada nas residências dos moradores locais.

Ao optar pelo mesmo objeto de estudo, agora com enfoque na hospedagem oferecida na comunidade, a autora teve a oportunidade de se aproximar do cotidiano de quatro famílias hospedeiras, trazidas neste texto nas figuras da Dona Rosa, Seu Luís, Dona Vera e Eneida, como interlocutores desta pesquisa. A proximidade com tais sujeitos foi intensificada conforme ocorriam as pesquisas de campo, que somaram um total de quatro visitas à comunidade, realizadas a partir de 2013.

Nestas ocasiões, a pesquisadora teve a oportunidade de se hospedar nas casas locais, tendo ela própria, a experiência turística oferecida pelo serviço, marcada pela aproximação com o cotidiano das famílias hospedeiras. Ao compartilhar a mesa, a casa e o dia a dia com os moradores de Vila Canoas, tal experiência foi marcada por conversas intensas, que originaram os relatos contidos neste texto, procurando captar as percepções destas famílias quanto ao turismo.

Utilizando como base teórica a contribuição de Erving Goffman (2013) sobre papéis sociais, encenação e fachada, foi possível pensar nas famílias anfitriãs como atores sociais que assumem a representação social de um novo papel, o de anfitriões. Desta maneira, a hospedagem funciona como um cenário indutor do processo de representação, desempenhado pelos indivíduos quando postos em contato uns com os outros e o processo de influências mútuas entre eles. A pesquisa se norteia, então, pela captura das impressões que os moradores locais transmitem diante da presença de hóspedes em suas residências.

Como suporte teórico, traçou-se um histórico do surgimento e desenvolvimento das favelas na cidade do Rio de Janeiro, incluindo a comunidade pesquisada, procurando

ênfatizar o conjunto de representações que foram atribuídas a estes locais e de que maneira os estereótipos construídos socialmente se relacionam com as motivações para a prática do turismo.

Em seguida, realizou-se uma descrição sobre o turismo realizado nas favelas do Rio de Janeiro, buscando compreender quais os principais pontos que permitem a construção da favela turística, para então, compreender como se dá este processo no caso de Vila Canoas.

Neste momento, passou-se as análises dos componentes que envolvem a hospedagem domiciliar, procurando descrever o processo de interação e os elementos que lhe são peculiares neste tipo de produto turístico. Para tanto, procurou-se primeiramente, traçar um perfil sociocultural e histórico das famílias que atuam na área. Dentre as variáveis estudadas, destacam-se o ciclo familiar, divisão do trabalho turístico e histórico de vida, importantes para descrever quem são e quais as motivações e expectativas que carregam as famílias que trabalham com a hospedagem.

Esta etapa envolveu ainda a caracterização do espaço onde acontece a interação: primeiro ao analisar favela como um dos elementos que definem a identidade do morador, procurou-se conhecer como ela é percebida pelo anfitrião, que se relaciona com a visão que eles próprios transmitem ao visitante. Em seguida, voltou-se a atenção para o lar, ou seja, um espaço particularizado, que retrata o modo de vida e a identidade daqueles que nele residem, verificadas nos objetos, decoração e mobília. Por fim, procuramos interpretar as práticas materiais e, principalmente simbólicas produzidas entre as famílias anfitriãs e turistas.

1. Métodos e técnicas de pesquisa

Para compreender os papéis sociais representados pelas famílias anfitriãs diante do turismo praticado na favela de Vila Canoas/RJ, utilizamos como método de investigação a pesquisa etnográfica, que possibilitou a observação *in loco* da pesquisadora, permitindo a observação direta dos elementos que englobam a atividade, além de perceber as explicações e interpretações pessoais atribuídas por estes sujeitos perante ao trabalho que desempenham.

A importância dessa etapa foi também proporcionar a experiénciação, já que a pesquisadora que realizou a maior parte do trabalho pessoalmente, consumindo a

hospedagem oferecida pelas famílias anfitriãs e proporcionando uma experiência direta junto a todos os elementos que englobam este segmento do turismo realizado na comunidade. A pesquisa de campo foi precedida pela “domesticação teórica do olhar”, termo cunhado por Roberto Cardoso de Oliveira (2000) para se referir ao conjunto teórico pelo qual o olhar do pesquisador deve se orientar durante a pesquisa de campo.

Neste estudo, a teoria se baseou nas contribuições de Goffman (2013), que permitiu considerar os membros dessas famílias como atores sociais, que procuram transmitir uma impressão quando postos em contato com os visitantes. Partindo desta ideia, para entender o processo de interação gerado pelo turismo, a observação foi o ponto de partida para a análise no turismo na comunidade. Como observa Ruth Cardoso (1986):

Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de observar supõe, como vimos, um investimento do observador na análise do seu próprio modo de olhar. Para conseguir essa façanha, sem se perder entrando pela psicanálise amadorística, é preciso ancorar as relações pessoais em seus contextos e estudar as condições sociais de produção dos discursos. Do entrevistador e do entrevistado. (CARDOSO, 1986, p. 103)

Os dados colhidos na pesquisa de campo foram registrados em cadernos de campo, instrumento importante pois serviu como documento base para grande parte das reflexões sobre os aspectos físicos das moradias destinadas às hospedagens, verificadas no estudo como “cenários” onde se dá a representação. Neste sentido, priorizamos a observação tanto dos aspectos físicos das residências: tamanho, número de quartos, banheiros, reformas e modificações necessárias para a hospedagem de turistas; bem como os elementos simbólicos, vinculados a identidade daqueles moradores, como os objetos de decoração dos ambientes e todos os elementos que refletem a memória e identidade daquela família.

Ainda como parte do cenário, está inserida na categoria a parte externa da favela, que compõe a fachada que serve como palco para o processo de interação, como as vielas, os espaços de lazer e comércio, a vizinhança e os pontos turísticos do entorno que compõe a paisagem da favela. Para análise destes elementos, também utilizamos amplamente registro fotográficos como fonte documental.

O caderno de campo foi essencial ainda para registramos notas sobre o relacionamento entre a pesquisadora e os entrevistados e toda a reflexão que se deu no curso da coleta de dados, as reformulações necessárias no decorrer do estudo e as particularidades de cada um dos momentos da pesquisa, elementos indispensáveis que,

segundo Queiroz (1991), reduz o risco de resultar numa pesquisa mecânica, tanto da coleta, como na interpretação dos dados obtidos.

Tendo em vista o objetivo da pesquisa, utilizamos também como principal fonte de investigação a história oral. O termo, apesar de amplo e geral, é definido por Queiroz (1991, p. 5) como “ os relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documento [...] que registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade”. Fazendo uso de diferentes ferramentas teóricas das mais variadas disciplinas, como Antropologia, História, Literatura, Sociologia e a Psicologia (ALBERTI, 2005), a história oral possibilita ampliar o conhecimento sobre as experiências e práticas individuais e coletivas, vistas aqui de modo qualitativo, motivo pelo qual julgamos sua pertinência para conhecer o grupo social voltado à pesquisa.

De acordo com Alberti (2005, p. 165), “uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”. Dessa forma, procuramos captar a subjetividade dos sujeitos, as motivações e expectativas que se relacionam com o trabalho de hospedagem, assim como as frustrações e percalços pelos quais passaram.

Para entender essas questões que envolvem a subjetividade dos sujeitos, optamos por resgatar a história de vida, categoria inserida dentro da história oral. Também captada oralmente, o termo se define como “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que ele considera significativos. Através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global [...]” (QUEIROZ, 1991, p. 6). A pesquisa pretendeu, portanto, compreender as motivações não só no âmbito individual, mas também na esfera coletiva ao qual o narrador está inserido.

Alberti (2005) mostra que a escolha desse método está condicionada a reafirmação de valores que consideram o indivíduo como um ser único e singular, capaz de fornecer sentido para as práticas que realizam. No entanto, como aponta Bourdieu (1986), para decifrar as intenções pessoais, é necessário ter em mente que trata-se de um sujeito fracionado, que vive em constante mutação, mesmo que ele próprio procure construir uma narrativa linear quando interrogado sobre sua história de vida. Cabe, portanto, ao pesquisador compreender a trajetória com base nos espaços sucessivos do campo em que aquela história se desenrolou e também desvendar conjunto das relações objetivas que

uniram o agente considerado ao conjunto de outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço.

Desse modo, utilizamos como técnica de investigação a aplicação de entrevistas, que de acordo com Queiroz (1991) e Alberti (2005) é a técnica mais difundida para coleta de histórias orais. No contexto do encontro, é importante refletir sobre alguns pontos que envolve a interação verbal entre pesquisador e narrador. Segundo Oliveira (2000), o ato de ouvir também envolve a domesticação advinda do escopo teórico, como forma de condicionar o ouvido do pesquisador para a relevância da pesquisa.

Ao selecionarmos as perguntas que destinadas às famílias anfitriãs, direcionamos a entrevista, no primeiro momento, para o resgate das memórias vinculadas à infância, a profissão dos pais, procurando captar as primeiras lembranças significativas que estes sujeitos atribuem à sua existência. Procuramos ainda informações sobre a chegada ao Rio de Janeiro e à Vila Canoas e a forma como foi constituída o vínculo com o local, além das lembranças de como a comunidade foi se desenvolvendo ao longo do tempo.

Em seguida, direcionamos os questionamentos para a maneira como a família foi constituída, levantando questões como o casamento, nascimento dos filhos, etc. Procuramos também, por meio da entrevista e das anotações do caderno de campo, traçar um perfil familiar, elencando a posição familiar de cada membro, idade, profissão, etc.

A terceira etapa da entrevista contou com perguntas direcionadas ao trabalho de hospedagem. Primeiro, dirigimos o diálogo para a memória profissional, procurando informações sobre as profissões exercidas anteriormente pelo entrevistado, para então procuramos encontrar as memórias e motivações para o recebimento de turistas. Além destas, procuramos informações sobre o processo de interação entre o anfitrião e os visitantes: como foi a chegada dos primeiros hóspedes, como é comunicação com turistas estrangeiros, como foi a preparação para a hospedagem, quais as atividades que desempenham, quais os aspectos que mais agradam neste tipo de trabalho, como lidam com a sazonalidade do turismo e quais as lembranças mais marcantes do contato. Além destas informações, procuramos captar quais são os ganhos materiais e simbólicos que estas famílias atribuem ao trabalho que desempenham e, ainda, quais são as modificações, físicas ou no cotidiano familiar, necessárias para o recebimento de turistas.

Por fim, procuramos informações sobre o processo de representação: como é dividido as atividades vinculadas a hospedagem entre os membros das famílias, quais as peculiaridades da hospedagem domiciliar estar localizada em uma favela, quais as

particularidades, na visão dos interlocutores, da hospedagem doméstica em Vila Canoas em comparação com as hospedagens similares oferecidas no entorno.

Ao selecionarmos este conjunto de perguntas e a estrutura da entrevista, procuramos vincular a memória, trazida à tona através da história oral, com o conjunto de sentimentos que motivam para realizar a atividade que desempenha, além de como ele percebe a presença de turistas na comunidade. Ao escolhermos esse caminho, foi essencial termos em mente que toda a situação da pesquisa de campo abrange distorções e confrontos que tem relação com o momento da interação entre entrevistador e o entrevistado (BOURDIEU, 2008; OLIVEIRA, 2000, QUEIROZ, 2001, ALBERTI, 2005).

Pierre Bourdieu (2008) lembra que os métodos de investigação social têm como apoio a interação social e não estão livres da pressão da estrutura social. Muitas vezes esta premissa é ignorada em nome da subjetividade do mundo social. Porém, tais estruturas são objetivas e exercem efeitos não somente sobre as interações que registram e analisam, mas também na interação do pesquisador com as pessoas submetidas à observação e interrogação. É preciso atentar para a hierarquia social que se impõe no momento da pesquisa, para então dominar os efeitos negativos e reduzir a violência simbólica presente no ato de observar e ouvir.

Antevendo que as informações transmitidas pelo interlocutor dependem da circunstância da entrevista, bem como da maneira que ele percebe o pesquisador durante a investigação (QUEIROZ, 1991), houve a necessidade da negociação prévia e do esclarecimento quanto aos objetivos da pesquisa, para permitir ao interlocutor o entendimento pleno da situação. Ao optarmos por esta via, fizemos a escolha de adotar uma escuta ativa, afastada tanto da não- intervenção, caso das entrevistas não dirigidas, quanto do dirigismo proposto pelos questionários (BOURDIEU, 2008).

Ao estruturamos o roteiro de entrevista, optamos por fazer uso de uma investigação semi dirigida, com perguntas abertas, direcionadas de acordo com o objetivo da pesquisa. A postura da pesquisadora durante a situação da entrevista, foi utilizar apenas intervenções ocasionais, primando por uma interação mais flexível diante do narrador, que como aponta Queiroz (1991), seria uma maneira de oferecer um certo grau de liberdade e espontaneidade ao entrevistado, ao mesmo tempo que possibilita a coleta dos dados relevantes para aquilo que se prende à finalidade do estudo.

As precauções adotadas diante da escolha dos métodos utilizados pressupõem uma disponibilidade maior em relação ao pesquisado e a submissão à singularidade da sua

história de vida particular, permitindo “adotar sua linguagem e entrar nos seus pontos de vista, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda categoria” (BOURDIEU, 2008, p. 695).

Para registramos os documentos orais, optamos por trabalhar com o auxílio do gravador¹, pois esse mecanismo permite apanhar com fidelidade as falas dos informantes e o diálogo entre informante e pesquisador. O instrumento possibilita, portanto, uma riqueza maior de detalhes, colhendo aquilo que está explícito no discurso, mas também dá margem para os detalhes implícitos, para “o subjetivo, o inconsciente e o arquetipal” (QUEIROZ, 1991, p.75), captando detalhes como pausas, divagações e devaneios do informante, elementos importantes para a interpretação do discurso.

A próxima etapa consistiu na transcrição das entrevistas. De acordo com Queiroz (1991), este passo tem por finalidade permitir um manuseio mais fácil do material colhido, sem o intermédio de máquinas- o gravador- dependendo somente a da reprodução do texto, além de permitir uma conservação mais longa do documento.

Percebendo a entrevista como um momento de partilha entre o narrador e o pesquisador, a transcrição da entrevista, junto com a análise do caderno de campo, é uma oportunidade de reavivar as lembranças, aprofundamento as análises sobre o discurso, sendo possível captar e interpretar também elementos subjetivos fornecidos pelo informante.

Ouvir e transcrever a entrevista constitui um exercício de memória em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura na voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de uma determinada palavra em certo momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detectou em seu interlocutor, revelam aspectos da entrevista que não haviam sido lembrados quando efetuou o registro do dia no caderno de campo, ou mesmo são a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam. Cada vez que re-escuta a gravação, refaz de certo modo o contexto todo da entrevista na lembrança para explorá-la mais a fundo. Assim, a transcrição feita pelo próprio pesquisador contraria uma “despersonalização” da entrevista (QUEIROZ, 1991, p. 87).

A estágio final da pesquisa consistiu na análise e interpretação de todo o conjunto de documentos coletados durante a pesquisa de campo: as anotações expressas no caderno de campo geradas a partir da observação, as entrevistas registradas no gravador, o acervo

¹ Como adverte Queiroz (1991) e Alberti (2005), alguns cuidados devem ser tomados quando utilizamos este instrumento no estudo. Um deles se refere a duplicação das entrevistas, como forma de preservar e aumentar a vida útil destes documentos.

fotográfico, além das percepções da pesquisadora que foram registradas ao longo da pesquisa. Segundo Alberti (2005), é papel do pesquisador ter uma postura crítica diante de todos estes documentos, cabendo a ele a tarefa de “desmontar” os depoimentos orais colhidos, analisando as condições da sua produção.

A análise de um depoimento de História oral- realizada seja pelo próprio pesquisador, seja por terceiros-deve considerar a fonte como um todo. É preciso saber ouvir o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que respeito à narrativa entrevistado: o que nos revela sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu tempo, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo etc. Tomar a entrevista como um todo, significa ouvi-la ou lê-la do início ao fim, observando como as partes se relacionam com o todo e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente e sobre a própria entrevista (ALBERTI, 2005, p. 185).

Assim, ao considerarmos que os fatos e as representações atribuídas a eles pelos sujeitos que as explicam, constituem partes de um todo, procuramos analisar os discursos obtidos durante a pesquisa com base na interpretação da narrativa dos entrevistados, unindo a teoria que precedeu o trabalho de campo àquilo que foi documentado. Geertz (1999) e Roberto Cardoso de Oliveira (2000) distingue o trabalho etnográfico em dois momentos: enquanto o “estar lá”, ou seja, a investigação empírica que demanda o olhar e o ouvir atentos, o “estar aqui”, que se traduz no momento da escrita.

É esta situação que requer maior função cognitiva do pesquisador, porque a construção do texto é onde se dá o processo de trazer os fatos observados- vistos e ouvidos- para o plano do discurso, que exercem um papel definitivo tanto no processo de comunicação inter pares. Segundo Oliveira (2000), é neste momento que o pesquisador necessita de grande esforço de reflexão, pois é onde encontrará as soluções que dificilmente aparecerão antes da textualização dos dados vindos da observação sistemática.

2. Favela: história, políticas públicas e representações

2.1 Surgimentos das favelas cariocas: do cortiço ao Morro da Favela

No século XIX, os principais espaços onde residiam as populações pobres eram os cortiços². Caracterizados pela mídia e pelo poder público como locais de habitação das “classes perigosas”, frequentados por todos os tipos de malandros e vagabundos, estes espaços eram considerados propensos à inúmeras doenças e vícios, se tornando alvo do discurso higienista de médicos e planejadores urbanos (VALLADARES, 2005).³

Lilian Vaz (1994) aponta que a denominação “cortiço” compreendia tanto as estalagens, caracterizadas como pequenas casas enfileiradas, como as casas-de-cômodo, habitações únicas, divididas internamente, habitadas por várias famílias. Ambas tinham espaços coletivos, além de serem resultantes de um mesmo processo de produção de moradia:

Neste sistema, proprietários cediam seus imóveis (casas, quintais, terrenos) a terceiros que investiam pequenas economias na construção de casinhas ou na subdivisão das edificações existentes. Os aluguéis eram considerados exorbitantes e os rendimentos fabulosos. Construir pequenos cortiços tornou-se uma prática comum entre proprietários e arrendatários de imóveis; na virada do século estavam presentes por toda a cidade, abrigando considerável parcela da população (VAZ, 1994, p. 584).

Como política de combate a estes locais, o discurso municipal anunciava leis que impediam a construção de novos cortiços, desembocando na destruição do maior cortiço da cidade, o Cabeça de Porco, em 1892.

² Vaz (1994) assinala algumas explicações para associação do termo “cortiço” às habitações populares. A primeira é a relação entre “cortiço” e “cortiça”, local em que as abelhas fabricavam o mel, relacionando, então, as estalagens e as colmeias, os minúsculos casulos que abrigavam as abelhas operárias. Outra hipótese remete à uma pequena corte ou ao conjunto de pequenas casas ao redor dele.

³ Valladares (2005) identifica grande aproximação desta visão dos cortiços cariocas e a análise feita para as cidades industriais europeias, especialmente a respeito dos *slums* das cidades inglesas.

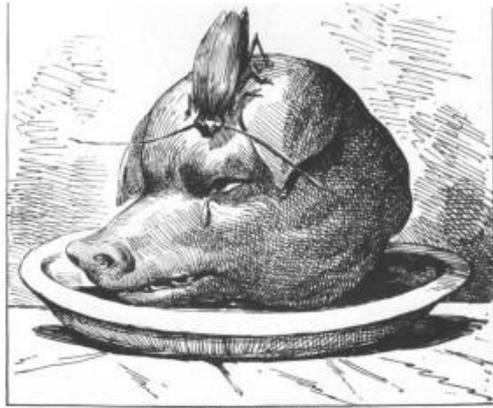


Figura 1: charge publicada em 1893, pela revista Ilustrada, se referindo a destruição do cortiço Cabeça de Porco (SITE URBANAMENTE, 2014).

Cabeça de Porco
 Com de ferro a cabeça. No seu bico secular. Terias visto tremenda. Mas se que no dia a cabeça
 De tal poder confuso. De feras divinizadas. Que indaga a natureza. Que era na ilha a cabeça
 Deu. e se não poraça. Com roque e favela. Que em boca de deus fela. E porofo, com indagação
 Deixa ser de grande. Bombardeio e favela. Nembevo poderosa. Havia, ali a cabeça?

A Destruição do "Cabeça de Porco" pelo prefeito Barata Ribeiro foi sempre anacronista pela Revista Ilustrada.
 Fonte: Revista Ilustrada, nº 616, Fevereiro 1893.

A política de destruição dos cortiços são o ponto de partida para o surgimento da favela no Rio de Janeiro. A exemplo, o Cabeça de Porco possuía barracos precários parecidos com as moradias encontradas pouco tempo depois no Morro da Providência⁴(VALLADARES, 2005), considerada a primeira favela da cidade.

Por outro lado, o mesmo morro passou a ter uma profunda relação com a guerra de Canudos, quando, no local, os antigos combatentes do conflito se instalaram com o intuito de pressionar o Ministério da Guerra a pagar o soldo atrasado pela participação na campanha.

Assim, segundo Rocha (1995), o termo “favela” tem origem no vocabulário baiano, sendo introduzido juntamente com a chegada dos combatentes da campanha de Canudos. Existem duas versões que explicam a mudança do nome do Morro da Providência para Morro da Favella. A primeira afirma que o local teria sido batizado com o mesmo nome de uma colina existente no arraial de Canudos, se transformando em símbolo de resistência contra a dominação (VALLADARES, 2005). Outra possibilidade outra aponta que a vegetação gramínea, denominada favela, comum no sertão baiano era a mesma encontrada no Morro da Providência. (ROCHA, 1995; VALLADARES, 2005).

⁴ Para, Rocha (1995) os combatentes eram recrutados nas camadas mais baixas da população de Salvador. Ao término do conflito, não encontraram seus antigos postos de trabalho. Aproveitando a disponibilidade de transporte de guerra que retornavam ao Sudeste, foram para o Rio de Janeiro buscando ofertas de emprego. Chegando na cidade, empregaram-se na estiva e se instalaram na Praça Onze, ponto de convergência entre o bairro Cidade Nova e o Morro da Providência.

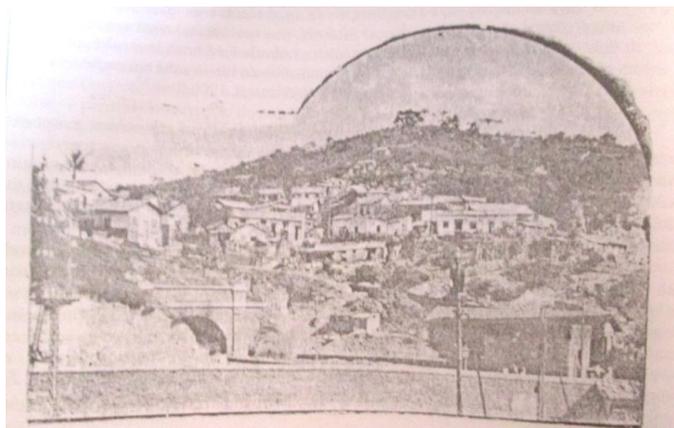


Figura 2: Vista panorâmica do Morro da Favela, do acervo da Biblioteca Nacional, de 1906 (VALLADARES, 2005)

Não só os ex-combatentes vieram fundar a primeira favela do Rio de Janeiro, mas, nas décadas posteriores, estes locais foram responsáveis por abrigar um grande número de imigrantes, principalmente nordestinos, como conta Campos (2005):

Da mesma forma que houve incentivo para atrair imigrantes estrangeiros, houve também para imigrantes nacionais. Levas e levadas de nordestinos aportaram no Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida. Entretanto, a favela foi-lhes a única opção de moradia oferecida (CAMPOS, 2005, p. 70)

Por outro lado, com a libertação dos escravos em 1888, Campos (2005) e Raquel Rolnik (1989) identificam uma aproximação da favela com a existência de quilombos. Enquanto Rolnik (1989) aponta que quilombos urbanos também eram criados nas casas de cômodo, desenvolvendo núcleos negros importantes, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, Campos (2005) identifica a favela como a mutação dos antigos dos espaços quilombolas.

Dando sequência a política de modernização da cidade, entre os anos de 1902 e 1906, o prefeito Pereira Passos⁵, foi o principal autor de uma grande reforma urbana, que tinha como um dos objetivos sanear e civilizar a cidade, eliminando as habitações populares.

⁵ Engenheiro, residiu em Paris em 1857, onde assistiu ao processo de remodelamento da cidade. No Brasil, foi técnico de obras públicas e em 1875 elaborou o *Relatório da Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro*. Foi nomeado prefeito do Rio de Janeiro pelo presidente Rodrigues Alves (ROCHA, 1995).

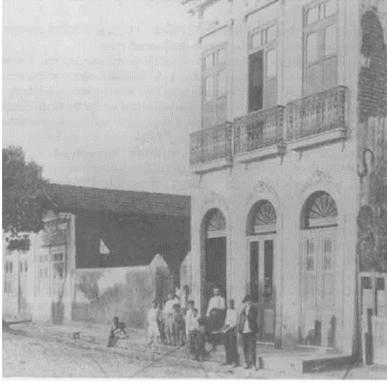


Figura 3: Casas de cômodo da rua Frei Caneca, em 1904. Fotografia de Malta, AGCRJ. Fonte: Oswaldo Rocha (2005).

Passos contava com o auxílio de médicos e engenheiros, que eram nomeados como presidentes de várias comissões durante sua administração, dentre eles, o médico sanitariano Oswaldo Cruz. O combate aos cortiços também estava de acordo com discurso do governo federal, que propunha como ações principais a remodelação da capital e uma criteriosa política de imigração. Como principais resultados da parceria entre governo municipal e federal estão a construção do cais do porto, o término do canal do Mangue e a abertura da avenida Central, além da abertura de diversas avenidas e ruas. Tais construções tinham influência francesa, tanto no estilo da *belle époque*, quanto na implantação de uma nova legislação predial. (ROCHA, 1995).



Figura 4: Avenida Central registrada do por Malta em 1906. A frente, o Palácio Monroe, seguido do Convento da Ajuda e ao fundo, o Teatro Municipal em construção (ROCHA, 1995).

Segundo Oswaldo Rocha (1995), a administração do prefeito Pereira Passos representou a vitória dos interesses da elite ligada ao comércio, aos meios de transporte e à construção civil. Por outro lado, criou embaraço junto aos que exploravam os prédios antigos em áreas valorizadas do centro da cidade. Dessa maneira,

A atuação da prefeitura afeta os setores ocupados até então com a especulação imobiliária: os pequenos comerciantes, proprietários de casas de cômodos e cortiços, nobres e ordens religiosas. Completando o quadro, vão ser tomadas medidas para que o pequeno construtor não possa tirar proveito das reformas

urbanas. Isto se dá através do estabelecimento de normas rigorosas para a construção de prédios, do elevado custo do terreno e do combate desenvolvido pela imprensa à figura do mestre-de-obras⁶ (ROCHA, 1995, p. 67)

Para Rocha (1995) e Mendes (2014), o processo de formação das grandes cidades, sobretudo as latino-americanas, está ligado ao desenvolvimento do capitalismo. Por um lado, como aponta Mendes (2014), o sistema contribui para o desenvolvimento das favelas, uma vez que a pobreza e desigualdade social influenciou no crescimento de áreas de ocupação ilegais⁷, mas também ele se apoia nestas áreas para manter o equilíbrio e a manutenção da estrutura.

Considerando outro ponto de vista, Rocha (1995) vendo a lógica do espaço urbano, verifica que ela está organizada de acordo com as camadas sociais, com os bairros proletários ficavam bem distantes dos bairros burgueses, localizados no centro da cidade, que era também destinado aos setores das finanças e ao comércio. Ao levar a cabo este modelo de organização urbana excludente, ao final da administração de Pereira Passos, 1681 habitações haviam sido demolidas e cerca vinte mil pessoas foram abrigadas a procurar uma nova moradia.

Tanto pela política de remoções promovida pelo governo municipal, quanto pelo alto preços dos alugueis cobrados pelo mercado imobiliário, as classes populares foram impedidas de ocupar a região central da cidade (CAMPOS, 2005). Todo esse quadro de exclusão colaborou para o surgimento e expansão de áreas de ocupação pela capital federal. A exemplo, entre os anos de 1901 e 1920, as remoções deram origem aos Morro de Santo Antônio, Morro da Babilônia e a favela no Morro Dois Irmãos.

Crescendo rapidamente, o termo favela passou, assim, a ser empregado para se referir a todo o conjunto de habitações precárias, com ausência de infraestrutura urbana e construídas, em geral, nas encostas dos morros.

2.2. Favela, imagens e representações

Lícia Valladares (2005) aponta que as primeiras descrições que surgem durante a primeira metade do século XX apontam a favela como um verdadeiro mundo rural em meio a cidade, estereótipo que foi um mito fundador das representações vinculadas favela

⁶ Tidos como profissionais de mau gosto estético, contrastando com as novas edificações (ROCHA, 1995)

⁷ Como aponta o antropólogo Holston (2013), a ocupação de terrenos não é uma ação exclusiva das classes populares, sendo a história da aquisição de terras no Brasil marcada pela ilegalidade, ainda que mais punitiva para o pobre.

durante todo o século. Fornecida pelos olhares de jornalistas, médicos, engenheiros e urbanistas, essa concepção criou um imaginário coletivo sobre estes locais e seus moradores;

Apesar destes profissionais pertencerem a diversas correntes políticas e ideológicas, bem como as visitas que faziam aos morros possuírem diferentes interesses, a visão consensual relacionava a favela com a guerra de Canudos, uma vez que a intelectualidade daquele período vinha sendo influenciada pela obra *Os Sertões*⁸, permitindo interpretar e compreender a ocupação dos morros que se desenvolvia na cidade.

Como exemplo, Valladares (2005) apresenta o artigo do cronista João do Rio, publicado no jornal Gazeta de Notícias em 1908, que relata a visita do autor ao Morro de Santo Antônio, fornecendo umas das primeiras representações da favela, principalmente quanto a geografia e a população local:

Eu tinha a ideia do morro de Santo Antônio a ideia de um lugar onde os pobres operários se aglomeravam à espera de habitações, e a tentação veio acompanhar a seresta [...]. O morro era como qualquer morro. Um caminho amplo e mal tratado, descobrindo por um lado, em planos que mais e mais se alargavam, a iluminação da cidade, [...] Acompanhei-os e dei num outro mundo. A iluminação desaparecera. Estávamos na roça, no sertão, longe da cidade. O caminho que serpeava descendo era ora estreito, ora largo, mas cheios de depressões e de buracos. De um lado e de outro, casinhas estreitas, feitas de tábuas de caixão, com cercados indicando quintais. A descida se tornava difícil (MARTINS, 1971, p 51 apud VALLADARES, 2005, p.30).

Da mesma maneira, na tentativa de demonstrar que o sertão estava presente nas favelas da capital da República, outras representações apontam a precariedade das moradias, a miséria, comportamento moral indevido dos moradores, que se opunham ao trabalho. Os morros eram vistos como uma ameaça à ordem social da cidade, representando o perigo de contágio de inúmeras doenças (VALLADARES, 2005).

Neste contexto, Alba Zaluar e Marcos Alvito (2006) e Livia Valladares (2005) sustentam que no início do século XX, a formação das primeiras favelas cariocas foram acompanhadas pela sua designação como um problema social, já que ela representava o oposto da civilização, um mundo bárbaro, que justificaria o combate desses espaços, resignados como um problema social.

⁸ Obra escrita em 1902, por Euclides da Cunha, considerada um marco da literatura brasileira.

Logo depois, Augusto de Mattos Pimenta, membro do *Rotary Club*¹⁰ carioca, empenhou-se na primeira grande campanha contra a favela¹¹, ação que contou com o apoio de grande parte da imprensa da cidade. Por meio de discurso que continha denúncias de higienistas, apontamentos sobre reformismo urbano e palpites estéticos, a campanha contribuiu para transformar a favela em problema social.

Mattos Pimenta pode ser lido como um representante dos interesses da elite carioca, liderando as reivindicações de dois setores principais: a intelectual e a econômica vinculada aos interesses imobiliários, ambas bastante influenciadas pelo modelo europeu de desenvolvimento. Sua figura é um testemunho “da mobilização dos novos atores econômicos em favor de uma nova maneira de ver o desenvolvimento da cidade, em que valorizar o seu capital equivaleria a valorizar a cidade em seu conjunto e não apenas construir novos bairros modernos” (VALLADARES, 2005, p. 45).

Embora a proposta de Mattos Pereira não tenha sido implantada, em fevereiro de 1928, foi realizada a derrubada de mais de uma centena de barracos, tarefa realizada pelo prefeito Antônio Prado Júnior, levando diversos moradores a buscar outros locais de moradia.

Além dos problemas sanitários e estéticos, a favela era visualizada como local onde imperava a criminalidade, onde residiam toda a espécie as classes perigosas, imaginário que permaneceu na esfera institucional carioca durante todo o século XX (ALVITO; ZALUAR, 2006).

Como demonstra Rolnik (1989) e Campos (2005), um dos grupos de destaque na composição da favela foram os negros. Igualmente, Emília Costa (1999) demonstra que, no período pós abolição da escravidão, embora não houvesse uma lei que impusesse a separação, negros permaneciam em espaços segregados, motivo pelo qual muitos deles vieram ocupar o espaço dos morros. Este contexto de marginalidade social, as favelas eram vistas também como espaços no plano simbólico, o que resultou em diversas análises racistas para se referir aos morros.

¹⁰ Criado em 1922, desenvolvia atividades filantrópicas dirigidas à área educacional, além de ser espaço de debates com o objetivo de pressionar o governo sobre problemas urbanos.

¹¹ Parte da campanha era composta pelo filme *As Favellas*, onde Mattos demonstrava uma visão insalubre da favela. Confeccionou também um jornal denominado *Casas Populares*, apresentando medidas para a “salvação pública”, como a proibição da construção de novos casebres, ao mesmo tempo que apresentava como solução a construção de casas para proletários, asilos e colônias para os inválidos (VALLADARES, 2005).

Campos (2005), que também nota a favela como um espaço imposto aos negros, relata que a imagem de perigo e a criminalidade referenciada ao local é semelhante àquela relacionada ao quilombo, no período escravocrata:

A favela representa para a sociedade republicana o mesmo que o quilombo representou para a sociedade escravocrata. Um e outro, guardado as devidas proporções históricas, vem integrando as 'classes perigosas': os quilombos por terem representado, no passado, ameaça ao Império; e os favelados por se constituírem em elemento socialmente indesejável após a instalação da República (CAMPOS, 2005, p. 63-64).

É desta maneira é possível encontrar análises como o documento produzido pelo poder público intitulado “ Censo das Favelas- Aspectos Gerais” em 1949, que demonstra de maneira clara o caráter preconceituoso da sociedade:

Não é de surpreender o fato de pretos e pardos prevalecerem nas favelas. Hereditariamente atrasados, desprovidos de ambição e mal ajustados às exigências sociais modernas, fornecem em quase todos os nossos núcleos urbanos os maiores contingentes para as baixas camadas da população (Prefeitura do Distrito Federal, 1949, p.8 apud VALLADARES, 2005, p. 65).

O estudo apresenta forte tendência eugenista, apelando para questões biológicas e hereditárias para argumentar sobre a desvantagem econômica da raça preta. Esse discurso, conforme assinala Valladares (2005), justificou a volta de uma política de erradicação das favelas, pós período Getúlio Vargas.

De acordo com DaMatta (1986), o “racismo à brasileira”, já nos primeiros anos da República, recorre ao conceito de raça, tendo com aspectos o intelecto, as propensões animais e as manifestações morais dos indivíduos, para firmar o branco como indivíduo superior. Com adesão da intelectualidade da época, os negros eram relegados à inferioridade, rejeitando firmemente a miscigenação e considerando a população brasileira, principalmente as mais pobres, como degenerados híbridos, sem capacidades de produzir uma nação forte ou positiva.

Com o respaldo em todos estes estereótipos, no final dos anos 20, aparece no cenário carioca o urbanista, arquiteto e sociólogo francês Alfred Agache, contratado pela Prefeitura do Rio de Janeiro para elaborar o Primeiro Plano de Extensão, Renovação e Embelezamento da capital do país. Utilizando uma abordagem que incluía estudos na área da geografia, história e economia, Agache propôs uma série de intervenções físicas e na legais que deveriam nortear as operações de remodelamento e expansão da cidade. As

propostas previam modificações típicas de uma cidade industrial, como o planejamento de transporte de massas, distribuição de água, habitação operária e o crescimento das favelas (PLANO URBANO, 2015).

Descrevendo as favelas como espaços de formação espontânea, situadas nos altos dos morros e habitadas por populações contrárias a qualquer regra de assepsia, o trabalho de Agache revelava uma preocupação voltada ao entendimento sobre a causa do fenômeno, oferecendo uma dimensão sociológica para a surgimento das favelas. Uma das explicações evidenciava a dificuldade de acesso à moradia ocasionado pela burocracia:

Pode-se dizer que são resultado de certas disposições nos regulamentos de *construção* e da *indiferença* manifestada até hoje pelos poderes públicos, relativamente as habitações da população pobre. Perante a *difficuldade* acumuladas para obter-se uma *auctorização* de edificar, -requerimentos e formalidades só alcançam o seu destino depois de muito tempo e taxas onerosas,- o operário pobre fica descoroçoado e reúne-se aos sem tempo para levantar uma choupana com latas de *kerozene* e caixa de *embalagem* nas vertentes dos morros próximos a cidade e *inoccupados*, onde não se lhe reclamam impostos nem autorizações (AGACHE, 1930, p. 189 *apud* VALLADARES, 2005, p. 48).

Agache também percebia os laços sociais que envolvia os habitantes das favelas, elencando também o surgimento de atividades econômicas:

Pouco a pouco surgem casinhas pertencentes a uma população pobre e heterogênea, nasce um princípio de organização social, assiste-se ao começo do sentimento da propriedade territorial. Famílias inteiras vivem ao lado uma da outra, criam-se laços de vizinhança, estabelecem-se costumes, desenvolvem-se pequenos commercios, armazéns, botequins, alfaiates, etc (AGACHE, 1930, p. 189 *apud* VALLADARES, 2005, p. 48).

No entanto, Valladares (2005) e Mendes (2014) indicam que o plano Agache, montado por meio de uma visão racional e técnica, previa o bom funcionamento da cidade, motivo pelo qual também propôs a eliminação dos casebres precários e construção de novas habitações populares, como soluções voltadas para a ordem social, segurança e estética. Mas somente essas medidas não seriam suficientes. Temendo que os moradores, uma vez expulsos, construíssem novas instalações em condições parecidas, a solução era a construção de moradias adaptadas à população mais pobre, caracterizadas como simples, econômicas, higiênicas e práticas (VALLADARES, 2005).

De acordo com Lefebvre (1989), o conceito de harmonia e a normalidade são valorizados pela burguesia, refletidos no processo de urbanização das grandes cidades. Dessa maneira, os espaços urbanos nas grandes cidades passam por projetos semelhantes

de gentrificação. No caso do Rio de Janeiro, almejando uma imagem de desenvolvimento e de modernidade, a cidade se modifica a partir da dicotomia entre barbárie e civilização, entre o feio e o sujo, em projetos realizados pelo poder público, desvinculados da realidade das populações residentes, resultando na destruição da urbanidade e restringindo os espaços de convívio das cidades (MENDES, 2013).

O plano Agache nunca chegou a ser posto em prática devido as mudanças políticas ocasionadas pela Revolução de 1930, mas sua importância foi inserir a favela, pela primeira vez, dentro de um plano oficial de urbanização (ZALUAR; ALVITO, 2006), além de inaugurar uma prática de intervenção nas favelas, ao mesmo tempo que reforçou a interpretação negativa e a segregação social e física destes locais (CAMPOS, 2013).

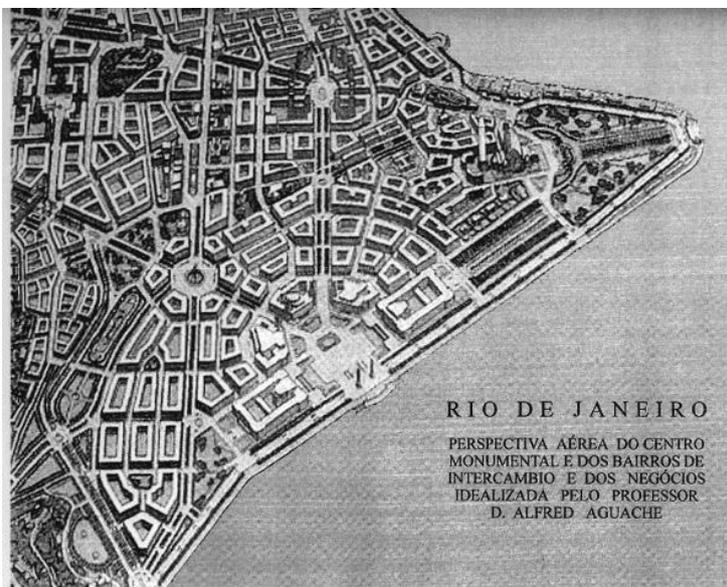


Figura 6: proposta idealizada por Agache para remodelamento da região central do Rio de Janeiro (URBANIDADES, 2014).

Outro fato relevante para o período apontado por Mendes (2014), foi a realização da Semana de Arte Moderna, em 1922, em São Paulo, que tinha por objetivo emancipar a cultura nacional em detrimento das influências estrangeiras. Ao buscar fortalecer a temática, as favelas, embora representadas como espaços de resistência, solidariedade e morada da verdadeira cultura popular, em alguns casos, eram convertidas em representações tão estereotipadas quanto aquelas vinculadas aos focos de epidemia e criminalidade.

Santos (2006) considera que desde o surgimento das favelas, os locais eram tidos como uma situação provisória. Essa concepção tinha adesão tanto do morador, que supunha que não detinha a posse de fato daquele terreno, quanto do poder público, que acreditava que regulamentaria o espaço urbano, eliminando os conjuntos de barracos e

reestabelecendo a ordem e o controle urbano. Este sentimento de provisoriedade seria a chave para entender a ausência de uma identidade social e espacial dos moradores, o que explicaria a ausência de uma organização coletiva capaz de resistir às investidas de remoção ou a melhoria do espaço.

Já na década de 1930, apesar da a política clientelista de Getúlio Vargas e do Prefeito Pedro Ernesto pretender reduzir o estigma de inferioridade legado à favela e seus habitantes, a política higienista e o apego estético interferiram durante toda a década de 30. Adotando uma postura paternalista e populista frente a política de governo, em 1931, Pedro Ernesto atuou sobretudo na área da Saúde e da Educação, instalando postos de saúde nas periferias e favelas e fundando a primeira escola pública na comunidade do Morro de Mangueira. Ficou conhecido ainda por ser o prefeito que assumiu uma postura diferenciada diante do carnaval da cidade, manifestando a intenção de oficializar as comemorações e conceder subsídios as escolas de samba¹² (MOURELLE, 2009).

Seguindo a mesma política assistencialista do governo federal, a figura de Pedro Ernesto ficou conhecida como o “médico dos pobres”. Na esfera social, o prefeito tinha uma visão próxima aos reformadores sociais dos anos anteriores, mas a abordagem proposta por sua administração inaugurou outro modo de relação entre o poder público e a favela, baseada no clientelismo e na troca de favores (VALLADARES, 2005).



Figura 7: Caricatura satirizando a política populista de Getúlio Vargas, publicada na revista Careta (VALLADARES, 2005)

¹² Em 1932, durante uma entrevista, o prefeito disse ver no carnaval o principal evento para incentivar o turismo na cidade e manifestou o desejo trazer turistas de todo o mundo para assistir aos bailes e ao carnaval de rua da cidade (MOURELLE, 2009).

As décadas de 40 e 50 foram marcadas pela busca pelo conhecimento mais intenso sobre as favelas, utilizando como instrumento de estudo a coleta de dados. Por meio de recenseamentos promovidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro, revelou-se uma imagem das populações das favelas bastante distintas das representações que dominavam o imaginário da população. As situações descritas por meio destes estudos desmistificavam as caracterizações vinculadas ao crime e desorganização social e demonstraram ainda que a maioria dos habitantes das favelas não eram composta de imigrantes, mas na verdade, provinham do próprio Distrito Federal ou do Estado do Rio de Janeiro. Ainda, ao contrário do senso comum, a maioria não eram analfabetos (VALLADARES, 2005).

Nesta mesma perspectiva, Zaluar (1989), ao pesquisar a favela Cidade de Deus, atenta que, ainda que a diversidade seja uma característica forte entre os habitantes, grande parte deles se auto referenciam pelo termo “trabalhadores pobres”. Ao se identificarem assim,

Se reconhecem, segundo certos símbolos, como um igual entre vizinhos, parentes, colegas e conhecidos, referem-se justamente a essa homogeneidade social demarcada pelos limites de renda, criada na convivência nos bairros pobres, reinventada nos diferentes arranjos que as várias tradições e opções culturais permitem e das quais parecem valer-se sem preocupações com a ortodoxia ou com escolhas definitivas. Tudo se passa como se a relativa exclusão que os pobres sofrem nos campos educacional e político terminasse por fazê-los compartilhar de alternativas culturais, religiosas e políticas cuja unidade está na presença de um mesmo conjunto heterogêneo, mas limitado de práticas e projetos que podem ser utilizados de modo alternado, sucessivo ou simultâneo. Desta pluralidade de práticas, participam tanto os operários quanto os biscateiros, tanto homens quanto mulheres e, em certa medida, tanto os jovens quanto os adultos (ZALUAR, 1989, p. 34).

Ainda que os dados apontem para uma realidade diferente, as visões estereotipadas projetadas no século passado continuam servindo como base para pautar as ações de diversas instituições para com a favela e seus moradores.

Como verifica Rinaldi (2006), ao pesquisar as representações vinculadas aos moradores das favelas diante do tribunal do júri no Rio de Janeiro, demonstra neste espaço, a favela e a população traz consigo uma marca social, em que não é possível corresponder às expectativas normais formuladas pela sociedade.

Fugindo do padrão, vista como um ponto fora da curva no sistema de classificação da estrutura social, a favela deixa também de representar os valores ideais tidas como padrão na sociedade, correspondendo a um local que deve ser evitado, reafirmando

valores e colocando junto à categoria *favelado*, toda a espécie de ladrões, bandidos e delinquentes, indistintamente. A favela vista dessa maneira, representa o perigo de contágio social, ameaçando a integridade dos bons cidadãos e da sociedade (RINALDI, 2006).

O morador da favela traz consigo, assim, uma marca que representa o perigo, construindo uma identidade social pautada na ideia da pobreza, criminalidade e desajuste familiar, visão bastante alimentada pelos veículos de informação, colaborando para estigma da inferioridade, desvio e anormalidade (RINALDI, 2006).

No entanto, diante de uma realidade globalizada e consumista, as favelas do Rio de Janeiro guardam novos contornos e representações. Apesar das visões que se apoiavam na visão de um território segregado do restante da cidade, atrasado e pobre, contribuindo para consolidação desse imaginário o poder público, a mídia e também estudos acadêmicos, atualmente, novos olhares demonstram que a realidade nunca correspondeu a estes estigmas.

Dados censitários mais recentes que as favelas são bastante heterogêneas em suas dimensões físicas, espaciais e sociais, sendo impossível caracterizá-las em uma única categoria. Cada uma delas possuem características distintas quanto aos equipamentos urbanos, sendo grande parte delas classificada nos mesmos moldes censitários de locais que não são considerados favelas. Nem mesmo a miséria social é um ponto unânime entre para caracterizar as diversas favelas do Rio (VALLADARES, 2005).

Atualmente ainda, as pesquisas acadêmicas têm se enveredado sobre temas como associação de moradores, lutas pela legalização da terra, participação em movimentos sociais ou mesmo a participação em atividades lúdicas, como escola de samba, e baile *funk*, convergindo para ampliação do conhecimento das favelas. Esses trabalhos, no entanto, tendem a reforçar a dicotomia entre o universo cultural “do asfalto”¹³ em oposição aos moradores do morro. Apesar desta distancia cultural, refletida na oposição de interesse desses grupos, tem-se a importância dos processos de aproximação entre “asfalto” e “favela” (MARIZ; FERNANDES; BATISTA, 2006).

¹³ Expressão relativa aos habitantes dos bairros, em oposição aos habitantes do morro.

2.3. A favela de Vila Canoas

Vila Canoas está localizada em São Conrado, bairro de classe média alta na zona sul carioca, fazendo vizinhança com a favela de Pedra Bonita e próxima às favelas da Rocinha e Vidigal. Está situada na encosta do Parque Nacional da Tijuca e compõe sua paisagem a Pedra da Gávea e Bonita, ambas utilizadas para prática de voo livre e cartões postais da cidade do Rio de Janeiro.



Figura 08: Pedra da Gávea vista da Praia do Pepino, São Conrado. Fonte: a autora, 2014.

Segundo dados da Associação de Moradores, atualmente a favela possui 2884 habitantes, distribuídos em 683 casas. De acordo com Moreno (2003), a média de idade dessa população é de 29,6 anos e a renda *per capita* é de R\$ 214, 26, sendo que as profissões mais exercidas são estudante, empregado (a) doméstico(a), do lar, motorista, pedreiro e vendedor(a).

No final do século XIX a paisagem de São Conrado era ainda composta somente pela praia e morros e pertencia à fazenda São José da Lagoinha da Gávea, que cultivava imensos cafezais, em consonância com a economia da época era pautada em atividades agrícolas (HISTÓRIA DE SÃO CONRADO, 2012).

No início do século seguinte, seguindo a política de modernização da cidade, duas grandes avenidas foram construídas na região: a estrada Gávea e Avenida Niemeyer, o que facilitou o acesso à região (CARVALHO, SANTOS, 2008).

A construção dessas vias possibilitou o crescimento de São Conrado, que aos poucos foi sendo urbanizado, crescendo o número de residências e estabelecimentos comerciais. No início da década de 1920, foi construído o *Golf & Country Club*, local destinado a prática de golfe pela elite carioca. O clube autorizou que funcionários construíssem em terreno cedido pelos proprietários, em uma região próxima ao Rio Canoas, fato que originou a Favela de Pedra Bonita (CARVALHO, SANTOS, 2008; MORENO, 2003).

Os trabalhadores do clube, ao deixarem de trabalhar na empresa, eram obrigados a deixar suas moradias. Muitos deles passaram a ocupar desordenadamente uma região ao sul de Pedra Bonita, em um território não pertencente ao antigo empregador. Foi justamente esse local que viria a ser conhecido mais tarde como a Favela de Vila Canoas. (CARVALHO, SANTOS, 2008; MORENO, 2003).



Figura 9 Vista aérea do bairro de São Conrado.

Legenda:

- 1: Pedra da Gávea
- 2: Favela de Pedra Bonita
- 3: Favela de Vila Canoas
- 4: *Golf and Country Club*
- 5: Favela da Rocinha
- 6: Parque Nacional da Tijuca

Segundo Machado (2007), a ameaça de remoção e a luta pela permanência no espaço, levou a comunidade a criar uma “identidade de resistência”, que culminou na criação da Associação de Moradores de Vila Canoas, apoiado pela Pastoral das Favelas¹⁴. Ainda nesse período, as relações que se estabeleciam entre os moradores de Vila Canoas e o clube forneceram a base para o fortalecimento de uma identidade legitimadora da comunidade. (MACHADO, 2007)

¹⁴ Entidade criada em 1976 pela Igreja Católica, promovendo ações para a construção da cidadania e melhoria da moradia nas favelas cariocas

A construção do túnel Dois Irmãos e a estrada Lagoa Barra, acelerou o processo de urbanização do bairro. Surgiram grandes condomínios, os Hotéis Nacional e Intercontinental e a orla marítima foi urbanizada (HISTORIA DE SÃO CONRADO, 2011).

Antônio, de 52 anos, morador da comunidade, nascido na comunidade de Vila Canoas, descreve, em entrevista concedida à autora, as primeiras lembranças do local, antes das principais obras que iniciaram o processo de urbanização da região:

Eu nasci aqui, meu pai veio de Portugal, com oito anos, minha mãe veio do Estado do Rio, Duas Barras, cidade depois de Petrópolis. Eles casaram e eu nasci aqui, estou há 52 anos no mesmo local. Aqui não tinha nada. Tinha só a Avenida Niemeyer que tava em obra, eu vi construir o túnel, os dois tuneis, o Zuzu Angel e o que vai pra Barra da Tijuca. Eu vi a construção do Intercontinental, do Hotel Nacional e do Elevado do Joá. Não existia prédio nenhum em São Conrado, não tinha calçadão, não tinha nada. Para você chegar na praia, você tinha que passar dentro de um capinzal e subir umas dunas de areia, a praia era deserta (Antônio, 52 anos, Artista Plástico e morador de Vila Canoas, 2014).

Além dos antigos empregados do *Golf*, na década de 60 e 70, Vila Canoas passou a abrigar imigrantes vindos principalmente do estado do Ceará, com o objetivo de trabalhar na construção civil, setor que absorveu grande mão de obra nas décadas de 60 e 70, devido à expansão dos bairros da zona sul (MACHADO, 2007). Além das mudanças no entorno e questão ambiental, alguns pontos são lembrados pelo morador Antônio, como o crescimento demográfico e a imigração, além da origem do nome da comunidade, como uma referência aos pescadores que habitavam a região:

Só moravam uns pescadores, por isso que a comunidade chama Vila Canoas, e morava também uma família descendente de índios, Eu acho que eram descendentes de índio, a gente comprava peixe, carne seca, comprava tudo, [...]. A década de 70, 75, começaram a vir o pessoal de fora, da Bahia, Minas, Pernambuco, cariocas mesmo são poucos aqui (Antônio, 52 anos, Artista Plástico e morador de Vila Canoas, 2014).

Segundo depoimento da D. Iraci, moradora da comunidade desde 1975 e presidente da Associação de Moradores, nesse período “as casas eram poucas e não havia muito comércio e infra-estrutura”.

Vila Canoas é uma das menores favelas do Rio de Janeiro, sendo conhecida por “Favelinha de São Conrado”. Desde sua fundação, a comunidade pouco cresceu em

termos de dimensão, porém, o crescimento vertical foi notório, fato que levou ao apinhamento das casas, sendo comum as construções de mais de cinco andares.



Figura 10: Crescimento vertical da favela de Vila Canoas. Fonte: a autora, 2014.

Além do crescimento das moradias verificado durante as décadas de 70 e 80, outro ponto observado pelo morador foi o crescimento dos estabelecimentos comerciais em Vila Canoas. Ele relata que:

Até a década de 80, a comunidade era menor, a primeira birosca que teve foi da Dona Maria e do seu Zé Tomé, aí foi desenvolvendo... foram tendo outros estabelecimentos. O falecido Seu Augusto foi um dos primeiros a ter bar com sinuca, totó, a vender salgados. A família dele era de Araruama. Aí foi crescendo, o pessoal começou a construir, na época não tinha negócio de aluguel, né? (Antônio, 52 anos, Artista Plástico e morador de Vila Canoas, 2014).

Tendo como histórico todo o contexto de combate aos cortiços e a especulação imobiliária dos imóveis centrais que motivou o surgimento das primeiras favelas no início do século XIX (VALLADARES, 2005; VAZ, 1994), um dos trechos da fala do morador que merece destaque é ausência da cobrança de aluguel, como fato que contribuiu para o crescimento da comunidade. Atualmente, a cobrança e o aumento do preço dos imóveis são fatos percebidos pelos moradores locais.

As transformações no entorno são percebidas pelo morador, principalmente os impactos ambientais que acompanharam o processo de intensificação da urbanização da

comunidade. É apontado ainda, o início da prática do voo livre, que atualmente atrai muitos visitantes à região. Segue o trecho do depoimento:

Antes a comunidade tinha bananeira, o rio era limpo, tinha árvores, muitos animais, pássaros, a água super limpa, com carangueijo, pitú, tudo no rio. Depois ficou muito poluído por causa das construções. Depois começou o voo livre. Eu fui um dos que desmontou uma das primeiras asas deltas no Brasil. O piloto era um francês, Stefan. Ele pousou dentro do Gávea Golf, as 4 horas da tarde, quando a seleção brasileira treinava futebol. Rivelino, Pelé, Zagallo, Garrincha, eu era moleque e todo dia ia ver o treino dele. Aí o cara pediu pra gente ajudar (Antônio, 52 anos, Artista Plástico, morador da comunidade, 2014).

No que se refere às políticas públicas, Vila Canoas participou do programa Favela Bairro, no final da década de 80, projeto que pretendia urbanizar áreas carentes da capital fluminense, aliviando tensões habitacionais do período.

Em 2000, as áreas públicas da comunidade foram urbanizadas pela prefeitura municipal do Rio de Janeiro, através do programa Bairrinho, projeto destinado a melhoria da infraestrutura urbana, equipamentos e serviços públicos, com incentivo da participação comunitária durante o processo. (RIO DE JANEIRO, 2003).

Além do apoio da prefeitura, a intervenção contou com o apoio da Associação *Come Noi*, entidade filantrópica de Turim, na Itália, que financiou cerca de 4% do custo total do projeto. A intermediação se deu através da família Urani, que posteriormente fundou a ONG Para ti, em Vila Canoas. (MACHADO, 2007, ROCINHA.ORG, 2011)

De acordo com Moreno (2003), todas essas intervenções resultaram em maior padronização das vielas, escadas e becos e permitiram a construção de áreas de lazer, como a praça São Paulo e na remoção de algumas casas sem condições de habitação ou melhoria na sustentação de outras casas ameaçadas.



Figura 11: Praça São Paulo, obra destinada à infraestrutura de lazer, resultado das intervenções do Programa Favela Bairro. Fonte: a autora, 2014

Para Carvalho e Santos (2008), a comunidade de Vila Canoas é caracterizada como um local relativamente tranquilo, sendo ausentes as estruturas de narcotráfico que dominam a maior parte das favelas do Rio de Janeiro.

Localizada em São Conrado, um dos bairros mais nobres da cidade, a favela já foi motivo de embate entre os moradores do entorno e alvo de ameaças de remoção e , como conta em entrevista Leonardo Moreira, de 28 anos. Ele relata que:

A gente viveu muitos anos com a ameaça da comunidade ser removida, aí ficava naquela dúvida de saber se ia ser indenizado ou não. Aconteceu mais de uma vez esses comentários. Eles falaram que ia dar outra casa em Santa Cruz, um bairro extremo da Zona Oeste. A gente fazia abaixo-assinado. São muitas mansões aqui, a galera que cresceu aqui nunca teve o costume de roubar as casas, então cada um vive em paz. Depois de certos anos, mesmo as pessoas moram nas mansões, frequentam e usam os serviços daqui, almoçam, compram alguma coisa no mercado. Eles passaram a ver que essa comunidade é útil. Não tem tráfico armado, então não oferece risco a eles. Hoje, graças a Deus essas ameaças acabaram (Leonardo Moreira, 28 anos, ator e morador de Vila Canoas, 2014).

De acordo com a presidente da Associação de Moradores, as entidades que atuam em Vila Canoas, além da própria Associação, são a ONG Para Ti, que trabalham com crianças, oferecendo reforço escolar, aula de judô e de computação, além de receber visitas de grupos de turistas; a Associação de Mulheres de Vila Canoas (AMUVICA), que desenvolve atividade para homens e mulheres de todas as idades, como alongamento, tratamento dentário e oficinas de artesanato e crochê.

Atua na comunidade também, o Centro de Integração Comunitária (CIC) que trabalha com oficina de música e teatro, aulas de inglês, balé e ginástica, além de trabalhar com o Projeto Mosaico, que enfeita as ruas da comunidade, trabalhando através de mutirões.



Figura 12: Entrada da comunidade, com saudação em mosaico, resultado do Projeto Mosaico. Junto a ela, Dona Ana, moradora da comunidade e comerciante. Fonte: a autora, 2014.

3. A hospedagem domiciliar: a construção da favela turística na visão de seus moradores

3.1. A favela como bem de consumo no tempo do lazer: histórico do turismo em favela no Rio de Janeiro

Segundo Bianca Freire- Medeiros (2009), a origem da favela como atração turística no Brasil está na conferência ECO 92¹⁵ quando um grupo de turistas, em visita a Floresta da Tijuca, teve a curiosidade de conhecer a favela da Rocinha. Em 1996 um projeto de lei ¹⁶indicava o local como ponto turístico oficial da cidade, justificando a

¹⁵ *Rio Conference on environment and Sustainable Development*, conferência mundial sobre o Meio Ambiente, realizada na capital do Rio de Janeiro, em junho de 1992.

¹⁶ Projeto de Lei Lei n° 779/2006, proposto pela vereadora Lilian Sá e sancionado pelo prefeito César Maia.

inclusão baseado “nos atrativos peculiares” e no “forte sentimento de comunidade” presentes na favela.

Dez anos depois, o governador Sérgio Cabral direcionou uma parte da verba do Programa Aceleração do Crescimento (PAC) para melhoria da infraestrutura turística em diversas favelas cariocas, incentivando a abertura de pousadas do tipo cama e café, como forma de aumentar os leitos para suprir a demanda gerada pelas competições do Panamericano, de 2007 (FREIRE-MEDEIROS, 2009). Nesse caso, mais do que a intenção de promover as favelas como atrativo, tratou-se de uma medida utilitarista, no sentido de preencher a deficiência em meios de hospedagem.

Até então, o turismo nas favelas cariocas seguia, de maneira geral, um padrão bastante similar: baseado na realização de *tours* guiados organizados por agências de turismo, divulgados por meio de *websites*, *folders* e propaganda boca-a-boca (JUNIOR, 2008)¹⁷. Atualmente, porém, o turismo oferece uma gama diversificada de produtos turísticos nestas comunidades, contemplando além dos *tours*, meios de hospedagem, trilhas ecológicas, bares, restaurantes e casas noturnas.

A temática é bastante intrigante, pois envolve o consumo do modo de vida de uma população que se encontra do ponto de vista simbólico segregada do restante da cidade, embora caiba ressaltar que os moradores de favelas no Rio de Janeiro representam quase 30% da população carioca.

Ainda que seja de conhecimento a relevância econômica do turismo para muitos países no mundo globalizado, temos visto que a atividade por si mesma não é uma opção viável para redução das desigualdades sociais existentes. Todavia, cada vez mais, espaços, antes segregados do trade turístico, encontram em iniciativas locais a intenção de obter “uma parte do bolo” gerado pelo fluxo de visitantes. No campo e na cidade, vê-se pequenos grupos sociais, em geral, bairros ou comunidades tradicionais buscarem não apenas a geração de renda, mas seu reconhecimento social através do turismo (KRIPPENDORF, 2003; URRY, 2001).

Para compreender o curso de conversão da favela em destino turístico, Bianca Freire-Medeiros (2006) diz que é preciso atentar para dois contextos principais: o crescimento dos chamados *reality tour* a nível mundial e o processo de circulação e consumo da favela como *trademark*. Neste último caso, a favela seria identificada como

¹⁷ Como mostra Freire-Medeiros (2010), no endereço eletrônico dessas empresas há a descrição do roteiro e é comum a divulgação comentários positivos de turistas que aprovaram o passeio. As imagens escolhidas para ilustrar o roteiro mostram as casas desalinhadas, pessoas sorridentes e turistas satisfeitos.

uma marca, associada a certos tipos de emoções que se mostram ambivalentes: perigo, excitação, exotividade e autenticidade.

Por outro lado, os chamados *reality tour* são caracterizados como fruto de dois outros tipos de turismo: o primeiro se refere ao *tour social*¹⁸, formatado para fornecer experiências únicas, com função de conscientizar e educar para os problemas das comunidades visitadas; e o *tour sombrio*, que promete colocar o turista em contato com situações de sofrimento ou perigo. O turismo em favela seria uma composição desses dois tipos de turismo (FREIRE-MEDEIROS, 2009).

Como exemplo desta modalidade, além do turismo realizado nas favelas do Rio de Janeiro, viraram destinos turísticos os *sweatshops*¹⁹ da Coreia, campos radioativos de Chernobyl, vilas da fronteira México/ Estados Unidos, os túneis Viet Cong e áreas pobres de Calcutá. Em comum entre estes locais, está busca pela satisfação e por emoções específicas, que cria novos mercados e permite que as áreas marginalizadas se configurem como atrativos turísticos (FREIRE-MEDEIROS, 2006).

Segundo John Urry (2001) as práticas turísticas têm como motivações um conjunto de representações que se ligam ao local de destino, construídas e mantidas por práticas independentes do turismo. São os filmes, as notícias de jornal, exposições fotográficas, obras literárias e mais uma série de elementos que, juntos, formam um imaginário que motiva o visitante a consumir o destino por meio do turismo.

No caso da favela, as produções cinematográficas bastante propagadas no exterior, como os filmes *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite 20*, fazem uso do ambiente da favela, associando-a a um território de extrema violência, pobreza e segregação social, características que, muitas vezes, são utilizadas para enfatizar a emoção do roteiro com a sensação provocada pelo fato do turista estar em um local relacionado à violência (FREIRE-MEDEIROS, 2009). Em algumas situações, essas associações são transformadas em atrativo, a fim de captar a demanda, que pretende sentir a sensação de perigo ao consumir a favela através do turismo.

¹⁸ Foi pioneira nesse tipo de turismo a ONG americana Global Exchange, comercializando pacotes países marcados por conflitos e instabilidade política, tendo como público principal turistas das nações desenvolvidas. No Brasil, a ONG chegou a oferecer a vivência em assentamentos do MST e projetos em presídios.

¹⁹ Estabelecimentos que tem em comum as condições precárias de trabalho e jornadas exaustivas, análogas à escravidão.

²⁰ O filme *Cidade de Deus* foi produzido em 2002, com direção por Fernando Meirelles. É uma adaptação do livro homônimo, com autoria de Paulo Lins e mostra o desenvolvimento do crime organizado na favela Cidade de Deus entre as décadas de 1960 e 1980. *Tropa de elite* foi produzido em 2007 e teve a direção de José Padilha. Tem como temática principal a violência urbana no Rio de Janeiro e a presença do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) nas favelas cariocas.

Outro aspecto importante na transformação da favela em produto turístico é associação à vivência, o consumo do modo de vida e do cotidiano dos moradores das comunidades, argumento bastante evocado pelos agenciadores de turismo. Estar na favela, segundo eles, é adquirir a oportunidade de se sentir um morador local, viver a “brasilidade” de fato.

Isto porque, no turismo em favela tem-se como conduta a procura pelo contato direto com população local, empregando maneiras para conhecê-las, porque estas simbolizariam a tradição e a identidade. Sendo assim, neste tipo de turismo a autenticidade e a interação “reaparecem investidas de um capital simbólico ausente no turismo de massa” (FREIRE-MEDEIROS, 2007, p. 62).

No entanto, para caracterizar a autenticidade presente neste tipo de turismo, Bianca Freire- Medeiros (2007) faz a ressalva:

Creio, porém, que no novo milênio, já não se trata de uma autenticidade transcendental, mas outra que se inscreve em um território colonizado por referências midiáticas e apela não para o contemplativo, mas para o interativo— é o que os agentes turísticos anunciam como *hands-on experiences* (FREIRE-MEDEIROS, 2007, p. 62).

Embora o turismo seja bastante diversificado nas comunidades do Rio de Janeiro, de maneira geral, pode-se dizer que a atividade vende, sobretudo, um conjunto de representações e significados, uma coleção de signos vinculados à favela e seus habitantes. O conjunto destes elementos, ao formarem imagens, tornam-se elementos importantes na configuração da favela enquanto produto turístico. A atividade alcança, assim, um *status* superior de consumo:

Um certo número de objetos transpõem o limiar que separa o nível prático do imaginário se impregnam de afetividade e de sonho, porque são ao mesmo tempo percebidos (socialmente) e falados. Alguns chegam ao estatuto “superior” e recebem uma sobrecarga ideológica. Casa de campo torna-se, além possibilidade de apropriação, mas também sonhada e idealizada. (LEFEBVRE, p. 100, 1991).

No caso de Vila Canoas, a comunidade possui duas agências de turismo responsáveis pelo planejamento, *marketing* e realização das visitas na favela. A Favela Receptiva oferece a hospedagem domiciliar, em que os turistas utilizam as residências dos membros da comunidade como meio de hospedagem; e paralelamente, acontecem as visitas guiadas, promovida pela agência *Favela Tour*, cujo roteiro tem início na favela da

Rocinha e término em Vila Canoas. Nos dois casos, a grande maioria do público é formado por turistas estrangeiros. Além disso, destacam-se algumas iniciativas de moradores que atuam sem vínculo com as agências, mas oferecem o mesmo tipo de serviço de hospedagem doméstica que a primeira agência citada.

Sendo a hospedagem domiciliar uma atividade com especificidades em relação aos demais produtos turísticos oferecidos nas favelas, como o fato de que o “hóspede não é recebido por um gerente, uma empresa ou um estabelecimento, mas por uma pessoa que será seu anfitrião” (RIO DE JANEIRO, 2008), possibilitando uma maior interação entre turistas e moradores, optou-se por selecionar este produto turístico para analisar os papéis sociais que são postos em ação no momento da hospedagem.

Por priorizar a visão do morador que trabalha com a hospedagem, tais características também permitiram à pesquisadora, atuando em trabalho de campo, a experiência de ser e se portar *como uma* turista, garantindo maior proximidade com as famílias anfitriãs em seu cotidiano, ainda que seja em seu *cotidiano de anfitrião*.

Para entender a interação proposta pela hospedagem em Vila Canoas, contou-se como principal referencial teórico as contribuições de Goffman (2013). Em primeiro lugar, destacamos o processo pelo qual o indivíduo “define a situação”, ou seja, o procedimento pelo qual atribui um sentido ao contexto vivenciado, questão essencial para compreender a maneira pelo qual as famílias anfitriãs orientam suas ações na vida cotidiana, incluindo o trabalho de hospedagem.

Passamos então a compreender como se dá a encenação das representações durante este processo, conceito definido por Goffman (2013, p.34) como “toda a atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e tem sobre estes alguma influência”. Durante o encontro entre anfitriões e turistas podemos dizer, usando esta linha teórica que, todo o desenvolvimento das ações dos atores sociais é penetrado pela crença em transmitir uma determinada impressão da realidade junto àqueles que observam (GOFFMAN, 2013).

Neste caso, considera-se que o sujeito da ação representa um papel social, termo definido como:

Promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podendo dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formada pelas mesmas pessoas (GOFFMAN, 2013, p. 28).

Sendo a hospedagem um processo de interação, que coloca momentaneamente turistas e moradores locais convivendo em um mesmo espaço, verificamos, por meio da observação, que o contato vai além do domínio físico, sendo um momento repleto de negociações simbólicas e de uma sociabilidade entre os dois grupos. Fruto do compartilhamento da experiência, tal interação foi o ponto de partida para compreender a avaliação do turismo a partir da ótica das famílias anfitriãs, possibilitando chegar à percepção deles próprios enquanto sujeitos sociais e a quanto à imagem que procuram transmitir.

Todos estes conceitos foram observados durante a pesquisa de campo, que compreendeu a hospedagem e contato da pesquisadora com quatro famílias que trabalham com a hospedagem doméstica em Vila Canoas. Como hóspede, as diárias variaram entre os valores de R\$65,00 à R\$ 80,00 e em todas as casas foram oferecidos o café da manhã e serviço de quarto, além do leito, sempre em quarto individual²¹, pertencente a algum morador da residência, em geral dos filhos.

Primeiramente, apresento ao leitor os anfitriões que foram informantes dessa pesquisa e suas histórias de vida: local de nascimento, a chegada em Vila Canoas, formação familiar, história profissional, para então compreender quais foram os fatos e motivações que levaram à atividade turismo como trabalho profissional.

Em seguida, descrevo o cenário, tanto da parte exterior que compõe a favela, como dos domicílios que a pesquisadora visitou, como forma de verificar como se caracteriza o “palco” em que acontece o processo de representação (GOFFMAN, 2013), formado pelos elementos físicos e simbólicos que se dão suporte ao processo interação entre hóspedes e moradores.

Finalmente, concentra-se na análise no processo de interação em si: como é definido o público que se hospeda nas residências, como é e qual o julgamento que os anfitriões têm sobre o processo de interação, quais as lembranças que guardam dos turistas que passaram pelas suas casas, qual a dinâmicas necessárias para o trabalho que realizam e quais os percalços envolvidos na atividade.

²¹ Coincidentemente, todas as visitas da pesquisadora a Vila Canoas foram realizadas no período de baixa temporada turística, ou seja, fora do período de mais procura, que são geralmente, as festas de final de ano e Reveillon. Nestas ocasiões, algumas famílias passam a oferecer quartos compartilhados e as diárias costumam ser vendidas a uma preço mais alto que nos períodos de baixa procura.

3.2. De moradores locais a anfitriões: histórias de vida e motivações para o turismo

Como modo de investigação utilizado na pesquisa, optamos por conhecer o histórico de vida das famílias que desempenham as atividades de hospedagem. Ao optar por este método, colhendo relatos através de testemunhos orais, procuramos conhecer as questões que partem da subjetividade destes trabalhadores para as atividades que realizam.

A importância deste método, como aponta Sader e Paoli (1986, p.40) é fornecer “a essa matriz de representação que chamamos de imaginário, discursos que encenam a formação da sociedade, articulam figuras de sua história e constantemente repõem as questões da apreensão de sua singularidade”.

Ao utilizar como instrumento de pesquisa a entrevista, que abordou não só o histórico de vida, mas toda impressão causada pelo turismo na visão dos anfitriões, observou-se que o ato de ouvir constitui-se uma etapa importante da investigação. Foi, assim, apenas durante o exercício de ouvir que temos acesso ao entendimento dos próprios atores sobre suas ações, verificados a seguir.

Dona Rosa

Foi por meio de uma das entrevistas que chegamos a conhecer a história de vida da anfitriã Rosa, de 63 anos. Filha de uma dona de casa e de um cacheiro viajante e parte de uma família composta por cinco irmãos, motivo pelo qual, desde a infância, a moradora é acostumada a ter “*a casa cheia*”. Rosa é natural da cidade de Cabreiro, província de Concepción, no Chile. Sobre as lembranças da infância, Rosa caracteriza como humilde, mas muito alegre, com muitos irmãos, momentos recordados com carinho.

Moradora do Brasil há pouco mais de quarenta anos, a mudança para Rio de Janeiro se deu por meio de uma viagem de férias à cidade. Em sua primeira visita ao país, se viu “*encantada pela cidade, pela praia e pelos brasileiros*”. Na ocasião, com 19 anos, decidiu se mudar para a cidade, manobra que foi necessária com a autorização dos pais por escrito. No início, ficou hospedada na casa de um tio, morador do bairro Leblon, onde exerceu a profissão de *baby sister* e, logo depois, de educadora. Sobre a mudança para Vila Canoas, a moradora conta que foi “*amor a levou até a favela*”, após o casamento

com o ex-marido, que cresceu na comunidade. A relação durou vinte anos e dela nasceu as duas filhas do casal.

Inicialmente, a família ocupou um “puxadinho”, extensão da casa da sogra, que tinha um espaço bem reduzido quando comparado ao tamanho atual domicílio. Ao passar por várias reformas ao longo dos anos, a residência da família foi agregando novos cômodos, possibilitando a construção do quarto das filhas e uma área externa, utilizada para lazer e serviços, equipada com uma piscina, casa de bonecas, máquina de lavar roupas e um banheiro externo.



Figura 14: área externa da casa da anfitriã Rosa

Após a separação do casal, Rosa continuou ocupando a casa até os dias que correm, morando com a filha mais velha, Lorena, de 31 anos. Ao longo do tempo, Rosa também desenvolveu trabalhos na ONG Parati, como educadora voluntária ou contratada da instituição. Atualmente, além de anfitriã, trabalha como vendedora voluntária de *souvenires* no mesmo.

Uma das etapas da pesquisa compreendeu a hospedagem da pesquisadora durante cinco dias na casa da anfitriã. No primeiro momento do contato, Rosa fez a apresentação a casa, mostrou o quarto que ocuparia, que era o quarto dela própria, o banheiro, a área externa da casa, além da cozinha, que poderia ser utilizada no momento. Ainda, entregou as chaves da casa e avisou o horário de trabalho dela e da filha, passando o contato de ambas para qualquer eventualidade.

Os dias que seguiram na casa da anfitriã foram tranquilos, proporcionando a participação no cotidiano da família. O café da manhã era sempre acompanhado pelas moradoras da casa, que oferecia pães, frios, leite, café, sucos e bolo. Segundo a anfitriã, o café-da-manhã farto é um dos pontos mais importantes da hospedagem. Os itens que sobravam pela manhã ficavam a disposição da hóspede em local de fácil acesso, podendo ser consumidos ao longo do dia.

No final da tarde também era oferecido um café, acompanhado de pão e bolo. Como hóspede, era comum a anfitriã convidar para o jantar ou para assistir televisão, em geral programas jornalísticos e telenovelas, a noite.

Rosa também tomava para si a responsabilidade de transmitir informações importantes sobre a comunidade: os locais que poderiam fazer as refeições, informações sobre a frota de ônibus e demais meios de transporte, os pontos mais seguros para atravessar a rua movimentada em frente à residência e informações turísticas sobre a cidade.

Seu Luís²²

Outro momento da pesquisa de campo foi a entrevista realizada com o anfitrião Luís, de 57 anos, que nasceu, cresceu e morou a vida toda em Vila Canoas, local que viu crescer desde os primeiros moradores e se orgulha de conhecer “*quase todo mundo*”. Morador de uma área privilegiada da comunidade, em contato direto com a Floresta da Tijuca, o morador iniciou o trabalho de hospedagem alugando parte do quintal, como área de *camping*, trabalhando neste sistema durante cerca de quatro anos.

Nos últimos dois anos, Luís iniciou uma grande reforma de ampliação da sua residência, empreitada realizada quase integralmente por ele próprio. Com a criação de novos cômodos, o morador pretende oferecer leitos no sistema cama e café.

Dona Vera²³

Dona Vera, 55 anos, trabalha com o turismo desde 2006, sendo uma das primeiras moradoras locais a hospedar turistas em sua residência. Natural da Paraíba, a anfitriã

²² Nome modificado para preservar a identidade do entrevistado, conforme solicitado pelo informante

²³ Nome modificado para preservar a identidade da entrevistada, conforme solicitado pela informante

mudou para o Rio de Janeiro durante década de 1980, logo após seu casamento, motivada por melhores condições de vida no Sudeste. Desde a chegada à cidade, a família recém formada se instalou em Vila Canoas, acompanhando grande parte do desenvolvimento da comunidade. Já no Rio de Janeiro, o casal teve dois filhos, Marcos e Vinícius. Fato curioso que se relaciona com a história de vida da comunidade é que a irmã, anos depois, traçou a mesma trajetória de Dona Vera, saindo da Paraíba com a família e indo se instalar em Vila Canoas.

Profissionalmente, a anfitriã ocupou-se sempre dos trabalhos domésticos do próprio lar, como atividade principal, enquanto o marido, hoje aposentado, exercia a profissão de motorista.

Parte da pesquisa de campo se referiu a hospedagem na casa da anfitriã durante cinco dias, possibilitando a interação com toda a família. A casa, composta por três dormitórios, destina um dos quartos dos filhos para a hospedagem ao turista, que é composto duas camas, possibilitando receber dois hóspedes por temporada.

Diferentemente de Rosa, a D. Vera tem como ocupação os trabalhos domésticos, permanecendo o dia todo em sua residência. É dessa maneira que a interação e o contato com a anfitriã foi mais fortemente firmado, não só durante o café-da-manhã e o período da noite, mas também durante todo o dia, que incluía passeios pela comunidade.

Além desta característica, a família era mais numerosa, composta pelo marido e pelos dois filhos, esses últimos bastante prestativos e dispostos a dar dicas de turismo e acompanhar em passeios pela cidade ou pelo bairro de São Conrado. A movimentação da residência era ainda favorecida pela presença da vizinhança, dos parentes e amigos da família, que se reuniam no final da tarde para tomar café.

Eneida

Um dos casos emblemáticos da experiência de hospedagem é o da criadora da agência Favela Receptiva, Eneida Pires. Como hóspede, dividi a casa com a anfitriã durante cerca de duas semanas, período que foi possível conseguir informações não só do histórico de vida, mas a narrativa de todo o processo de planejamento e implementação da agência.

Nascida em Praça Seca, bairro localizado na zona Oeste do Rio de Janeiro, Eneida é moradora da comunidade desde 1998. Formada em Administração possui experiência

em hotelaria, área que atuou por diversos anos em meios de hospedagem na zona sul carioca, exercendo a função de recepcionista e agente de reservas.

A mudança para Vila Canoas se deu devido à insistência do ex-namorado, morador da comunidade e instrutor de voo livre, atividade também realizada pela empreendedora, que considerou a oportunidade de se aperfeiçoar no esporte devido à proximidade com a Pedra da Gávea.

Em Vila Canoas também atuou como professora voluntária de inglês na comunidade, aproximação inicial com a comunidade que foi essencial para a criação da agência Favela Receptiva posteriormente.

DOS MOTIVOS DE ADOÇÃO DO TURISMO COMO ATIVIDADE:

A importância do contato com os anfitriões proporcionado pela hospedagem foi, além da observação, a de facilitar o diálogo com estes personagens, possibilitando compreender os motivos que levam eles a trabalhar com o turismo. De acordo com Alberti (2005), a história oral é um instrumento importante para conhecer a maneira que os grupos e indivíduos formulam para si mesmos as experiências de vida pelos quais se deparam e as estratégias empregadas pelos agentes diante delas. Tendo esta característica, a história oral contribuiu para a pesquisa porque permitiu conhecer as motivações que partem destas histórias que resultaram na decisão de trabalhar com o turismo.

Desse modo, foi percebido que parte destes anfitriões atribuíam ao turismo a capacidade da atividade em complementar a renda destas famílias, como atividade capaz de suprir as necessidades básicas em meio as adversidades. Como conta Dona Vera, que além do ganho financeiro, a inserção na atividade foi favorecida ainda pela capacitação do filho na área do turismo:

A ideia de começar a trabalhar com o turismo veio dos meus filhos. Na época o meu marido estava desemprego e meu filho mais velho já tinha feito cursos de turismo, como guia, um projeto social. Na época era preciso completar a renda, então o turismo foi importante por isso. E a gente sempre recebia os amigos dos filhos em casa também. Hoje em dia a gente gosta por causa do contato (D. Vera, anfitriã, 2014).

O anfitrião Luís, ao passar por uma cirurgia e ver sua capacidade de trabalho reduzida em meio a recuperação lenta, também viu na hospedagem uma maneira de

manter o padrão de vida, conseguindo uma renda extra em período de aposentadoria forçada.

Por outro lado, Rosa começou a hospedar através do vínculo com a agência Favela Receptiva. No início, conta que foi estimulada pelos ganhos financeiros, possibilitados principalmente por meio de hospedagem mais longas ou da alta temporada, como carnaval e ano novo.

No início eu vi que era possível começar a hospedar por causa da agência, que poderia complementar minha renda e que nos períodos de carnaval ou réveillon, onde a diária é maior, poderia chegar a ganhar R\$600,00, \$700,00 em uma semana. Pra mim era um dinheiro bom (Rosa, anfitriã, 2015).

No caso da anfitriã, não só o dinheiro foi um item que colaborou para o início da hospedagem, mas também o fato de ter tido um contato inicial, por meio dos turistas que visitavam a ONG Parati.

No caso de Eneida, a motivação para a criação da agência Favela Receptiva se relaciona ao turismo que acontecia na comunidade. Ao observar execução dos passeios guiados proposto pela empresa *Favela Tour*, Eneida verificou uma crítica aos passeios guiados por parte dos moradores, “ *que se sentiam mal, meio como um zoológico, eles se sentiam meio de fora*”.

Durante a pesquisa de campo, notou-se que esse sentimento é compartilhado por uma parte dos moradores da comunidade. Leonardo, que já atuou como guia turístico e tem planos de atuar na venda de *souvenires* voltados ao consumo turístico, comenta:

Eu cheguei a ver quando começou. Hoje eles [os turistas] só andam na parte alta, antes eles entravam, iam na escola. Essa empresa de turismo só ganha dinheiro com a comunidade, mas não deixam lucro [...]. Isso é muito triste, eles usam a comunidade para ganhar dinheiro, usam as pessoas, o turista vem, tira fotos, muitos tiram fotos dentro das casas, eu acho isso uma falta de respeito. Eles orientam para não tirar, mas num grupo de 15 pessoas, os guias não veem o que estão lá atrás tão fazendo. Eu acho que seria mais interessante se as pessoas soubessem se comunicar e aumentasse a proximidade. Eles só falam bom dia, mas só fica nisso, eles não conhecem nada, só entram na comunidade e vão embora. Eles pedem pra tirar foto comigo, antes eu tirava, mas de uns tempos pra cá eu falei não, isso aqui não é um zoológico, Isso é um absurdo (Leonardo, 28 anos, morador da comunidade, 2014).

Já José Reis, 68 anos, morador da viela por onde passa os vários grupos de turistas todos os dias diz que:

Eu já estou acostumado, todos os dias são vários grupos. Eles olham dentro de casa, nunca entraram, mas eu não ligo, quando estou aqui eu cumprimento. Só queria que se eu fosse no país deles, fosse tratado da mesma forma (José, morador da comunidade, 2014).

Ao observar tanto o sentimento de exclusão dos moradores em relação ao *trade* turístico e a oportunidade de se tornar uma empreendedora autônoma atuando na área que tem afinidade, Eneida recebeu incentivo de um amigo da área do Turismo, com experiência em hospedagens doméstica, para iniciar o projeto:

Ele me disse que poderia começar hospedar na minha casa, desenvolver a comunidade e deixaria de ser empregada dos outros, além de poder continuar no turismo, uma área que gosto muito. Então ele me deu a dicas para começar a divulgar (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2014).

A partir do relato da empreendedora, nota-se uma tripla avaliação relacionada projeto: ao mesmo tempo que ele possibilitava suprir as questões materiais e, junto a ela, a oportunidade de vivenciar uma vocação empreendedora, tendência entre moradores de áreas periférica, segundo dados recentes apresentados pelo II Fórum Nova Favela Brasileira; o empreendimento seria uma oportunidade de desenvolvimento e satisfação não apenas individual, mas também da própria comunidade, como reitera em outro trecho da entrevista: “*pra mim é importante saber pra onde o dinheiro estava indo também, não só pra mim, mas também seria aplicado na comunidade*” (Eneida, Agência Favela Receptiva).

Esta visão se aproxima de algumas diretrizes apontadas pelo Ministério do Turismo (2006) mostram uma convergência para a realização do que se denomina um turismo sustentável. Dentre elas, está a tendência a integração comunitária, por meio de práticas turísticas que estimulem o cooperativismo ou práticas que distribuíssem de maneira mais igualitárias os ganhos financeiros gerados pelo turismo. No caso do Favela Receptiva, a intenção foi montar uma rede de hospedagem domiciliar, onde a agência serviria como núcleo.

No primeiro mês de hospedagem, a agência contava com três famílias anfitriãs, oferecendo dez leitos no total, número que sofreu um salto quantitativo, chegando a alcançar

em 2011, a marca de 30 famílias vinculadas a agência, oferecendo cerca de quarenta leitos. O gráfico a seguir demonstra a evolução do número de leitos oferecidos pela agência ao longo do tempo:

Evolução da hospedagem domiciliar oferecida pela Favela Receptiva

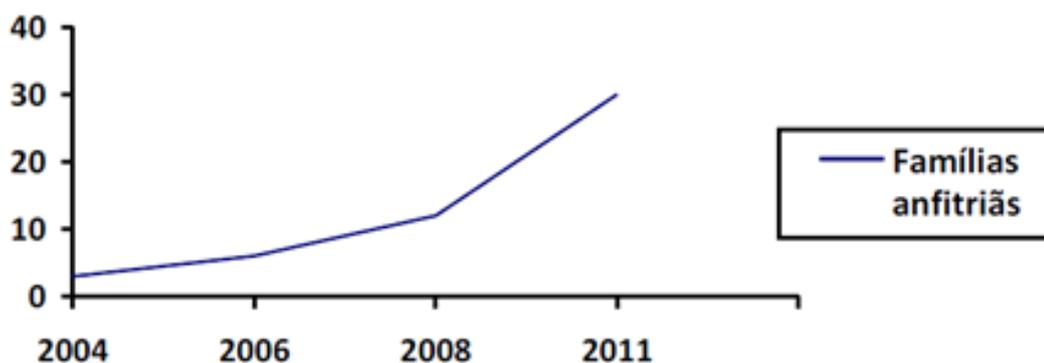


Figura 15: Evolução da hospedagem oferecida pela agência Favela Receptiva

De início, como canal de venda, o Favela Receptiva firmou parceria com o website *Hostel World*²⁴, como meio de dar visibilidade internacional ao empreendimento. A página é uma ferramenta que possibilita reservas de leitos no mundo todo, destinada ao público *backpacker*²⁵.

O projeto também foi impulsionado por ações que envolveram a parceria entre a prefeitura do Rio de Janeiro e o Ministério do Turismo, contando com o auxílio de consultores vindos da área do turismo e hospedagem, com o objetivo de melhorar a qualidade dos serviços turísticos na cidade.

Tendo a internet como principal meio de divulgação, ao relembrar o início do projeto, em 2004, Eneida conta as primeiras recordações que tem lembrança:

Me marcou muito o início. Ofereci 4 leitos na internet à meia-noite e às duas horas da manhã já tinha vendido tudo! Eu achei aquilo o máximo, me surpreendeu totalmente. No segundo ano, aumentamos para umas 20 casas, coloquei na internet e foi muito rápido a venda também, fiquei encantada! (Eneida, Agencia Favela Receptiva, 2014).

²⁴ <http://www.hostelworld.com/>

²⁵ Turista mochileiro, em tradução livre.

Atualmente, a empreendedora conta que utiliza outros canais para divulgar o Favela Receptiva, como as redes sociais e propaganda boca-a-boca. Em relação à preparação com as famílias anfitriãs, Eneida conta que no início, visando a economia de recursos materiais, cada família utilizava os recursos que tinha em casa, como roupas de cama e banho, mobília, louça.

A preparação se concentrou na hospitalidade, por meio de reuniões em que estudavam vários materiais voltados para o recebimento de turistas e para a organização e gestão de pequenas hospedagens. Os materiais eram fornecidos principalmente pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

A agência também obteve apoio da incubadora social do Instituto Gênesis, mantido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, (PUC-RJ), voltado ao empreendedorismo de unidades autossustentáveis, com enfoque social, que oferecia consultores voluntários que presidiam palestras. Eneida realizou ainda a capacitação da incubadora Afrobrasileira, patrocinada pela Petrobrás, instituto que forneceu cursos sobre plano de negócios e empreendedorismo.

Esta fase de implantação envolveu ainda a participação em um seminário organizado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, realizado em 2004, com a presença de empreendedores vindos de outros países da Europa, onde a hospedagem doméstica já é consolidada, que transmitiram algumas informações sobre a experiência no ramo.

Eneida considerou todo este respaldo técnico e profissional bastante proveitoso, porque utilizou as informações recebidas, adaptando-as para a realidade da favela. Estas experiências proporcionam as condições técnicas para a criação da empresa, em 2005, tendo a receptividade e hospitalidade como diferenciais do serviço ofertado, como demonstra o nome da agência:



Figura 16: Logo Favela Receptiva. Fonte: website Favela Receptiva

Com relação a divisão das atividades de hospedagem, Eneida, era responsável pela divulgação do serviço, pela reserva das diárias e inspeção das residências, além de hospedar em sua própria residência.

As tarefas empreendidas pelas famílias anfitriãs se voltavam para a hospedagem, propriamente dita, envolvendo atividades como limpeza e tarefas culinárias. Em alguns casos, como de grupos numerosos, era comum a família oferecer o espaço integral da casa aos hóspedes, se instalando na residência de algum vizinho.

Eu sempre verifiquei tudo pessoalmente, o check in era eu que fazia, recepcionada, levava para a família, apresentava e deixava com a anfitriã por conta do anfitrião o café da manhã, a arrumação da casa. Eu também inspecionada a arrumação da casa antes. Isso mais no início na verdade, depois peguei confiança e não ia mais tanto. Aí eu recebia o turista na esquina, porque não tenho sede nem nada. Na casa eu alojava o turista, apresentava a favelinha, mostrava onde tem sanduiche, onde tem suco (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2014).

Embora tanto no site da agência, como no veículo de reserva estejam especificadas as características gerais da hospedagem domiciliar em Vila Canoas, a escolha das residências fica a cargo da agenciadora, que procura adequar o perfil dos turistas às características da família anfitriã, levando em consideração não só o espaço físico da residência, mas a tônica subjetiva tanto do turista quanto da família que o acolherá.

Eneida conta que, desde o início, o Favela Receptiva nasceu com a intenção de promover um encontro mais real entre comunidade e turista, como afirma:

A ideia surgiu com o Favela Tour, mas queria fazer diferente. Só olhando, o turista tem outra visão, diferente de quando ele fica no lugar, que é aí que ele tem a oportunidade de sentir a paz, o acolhimento da comunidade e o calor humano dos cariocas (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2014).

A agência *Favela Tour* é uma empresa criada por Marcelo Armstrong, que atua no ramo turístico desde 1992, oferecendo passeios guiados que integram as comunidades da Rocinha e Vila Canoas. Com um produto voltado para os turistas que se hospedam nos hotéis da Zona Sul da cidade, o passeio na Rocinha, realizado por vans, tem como ênfase a paisagem e a grandiosidade da “*maior favela da América Latina*”²⁶ e inclui paradas para compras de *souvenirs* e contemplação da vista em um terraço de um dos moradores locais.

Em Vila Canoas, único percurso realizado a pé, os turistas têm a oportunidade de conhecer a ONG Parati, onde são vendidos alguns artesanatos feitos pelos moradores locais ou da região e ter contato com as crianças atendidas pela ONG. Em seguida, acompanhados do guia, percorrem algumas vielas, onde são mostradas algumas intervenções urbanas que ocorrem na comunidade, com destaque para o projeto Favela Bairro. Finalmente, o passeio termina com a degustação de uma caipirinha em um dos bares locais.



Figura 17: Turistas da *Favela Tour*, na ONG Parati. Fonte: a autora, 2014.

²⁶ Título atribuído ao local pelos guiam que acompanham os grupos de turistas, embora desde o ano de 1993, a Rocinha tenha se tornado um bairro.



Figura 18: Visita guiada: turistas na praça São Paulo. Fonte: a autora, 2014.

Com a missão de promover outro tipo de contato entre turistas e os moradores de Vila Canoas, a empreendedora Eneida voltou as ações de *marketing* para as peculiaridades da hospedagem domiciliar, que mais que o leito, oferecia uma experiência diferenciada do turismo, a partir da vivência como um morador local, apoiada na interação entre turistas e anfitriões.

Como demonstrado nas imagens publicitárias da agência, além da vivência, a empresa também oferece atividades de dança e práticas de esporte e lazer, como voo livre e asa-delta, ministradas por meio de parcerias com profissionais da comunidade ou amigos da empreendedora:

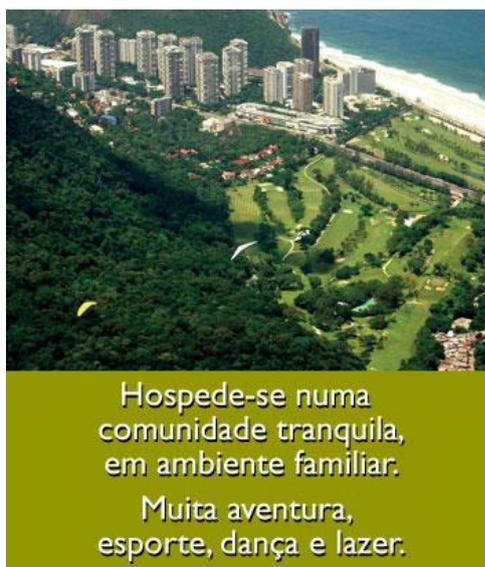


Figura 19: Imagem de marketing da agência Favela Receptiva. Fonte: *website* Favela Receptiva.



Figura 20: Turistas e a anfitriã Eneida, no centro. Fonte: arquivo pessoal da moradora, 2014.

3.3. A favela transformada em palco: caracterização de Vila Canoas

Goffman (2013) acredita que todo o processo de representação conta com elementos que dão suporte à encenação. O conjunto destes componentes forma a fachada, local relacionado com a “parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente e de forma geral e fixa, com o fim de definir a situação para os que observam a representação” (GOFFMAN, 2013, p. 34). Neste sentido, verificou-se que a favela, formada pelo conjunto de casas, comércio, ruas e vielas, áreas de lazer e toda a paisagem natural e construída, como partes de componentes cênicos, funciona como um “palco”, referência importante para que os sujeitos definam a situação e sustentem o jogo da representação.

Ao analisar o turismo em Vila Canoas, percebemos que, se o momento da hospedagem é também um momento da representação, uma das projeções intensamente verificadas no papel social imposto ao anfitrião é a condição de ser morador da favela e todo o aparato cultural que sugere este tipo de condição.

Dessa maneira, durante o trabalho de campo foi relatado que parte significativa dos entrevistados percebem que o diferencial na hospedagem doméstica de Vila Canoas é, de fato, a inserção do empreendimento em meio à favela. Neste caso, é possível dizer

que o turismo na comunidade funciona como forma de encontro com o conjunto de elementos que são símbolos deste espaço e da população que habita Vila Canoas.



Figura 21: Vista do terraço da casa da anfitriã Rosa. Fonte: a autora, 2015



Figura 22: Viela de Vila Canoas. Fonte: a autora, 2015.

Como visto, Vila Canoas é uma das menores favelas do Rio de Janeiro, localizada no bairro de São Conrado. A comunidade se torna acessível por meio da Estrada da Canoas, uma via arborizada e íngreme que possibilita chegar, além de Vila Canoas, às casas e condomínios de luxo, que fazem vizinhança à favela. Deste cenário, cria-se um contraste entre as residências de luxo e as casas da comunidade, característica que se estende por toda a paisagem da zona sul da cidade.



Figura 23: Entorno da comunidade e a estrada das Canoas, via que dá acesso à comunidade. Fonte: a autora, 2014.

Vila Canoas encontra-se muito próxima à Praia do Pepino, parte final da orla de São Conrado, praia da cidade considerada tranquila por ser menos frequentada por turistas, se comparada às praias vizinhas, Ipanema e Leblon. É próxima também à Praia da Barra, localizada na zona oeste da cidade. Como destaque, a paisagem conta com a Pedra da Gávea, que possui rampa destinada ao voo livre.



Figura 24: Praia do Pepino e Pedra da Gávea. Fonte: a autora, 2014.

Logo de início, quem chega à Vila Canoas, depara com um conjunto de bares e restaurantes. Este é o espaço de maior movimento de pessoas, sobretudo a noite, onde os

moradores se reúnem para beber, conversar e assistir às partidas de futebol, sobretudo à noite, depois do trabalho.

Durante a pesquisa, foi observado que é neste local onde ocorre também a maior circulação de turistas, porque, além de ser o caminho principal percorrido pelos turistas que consomem o passeio guiado, vendido pela agência *Favela Tour*, é área predominantemente utilizada para refeições e entretenimento entre aqueles turistas que optam por se hospedar na favela, onde é comum observar a interação coloquial entre turistas e moradores da comunidade.



Figura 25: Ponto de concentração de bares e restaurantes em Vila Canoas. Fonte: a autora, 2014.

Tendo seu crescimento produzido de maneira vertical, resultando em uma forma peculiar de ocupação, os edifícios comumente chegam a possuir seis ou sete andares e a proximidade física entre uma casa e outra é um fato notável. Outra característica da favela são os becos e vielas bastante estreitos que dão acesso à parte baixa da favela, interior que raramente é verificado pelo turista que se hospeda em Vila Canoas.

Como acredita Mayol (2013), o bairro representa a fronteira, mais ou menos delimitada, entre o espaço público e privado. Diante de uma realidade urbana composta por código de conduta arbitrariamente impostos, o bairro é entendido como o espaço em que o usuário consegue criar para si um lugar de aconchego e identificação, por representar o espaço ampliado do lar.

Pelo fato do seu uso habitual, o bairro pode ser considerado como a privatização progressiva do espaço público. Trata-se de um dispositivo prático que tem por função garantir uma solução de continuidade entre aquilo que é mais íntimo (o espaço privado da residência) e o que é mais desconhecido (o conjunto da cidade ou mesmo por extensão, o resto do mundo): “ existe uma relação entre a apreensão da residência (um ‘dentro’) e a apreensão do espaço urbano ao qual se liga (um ‘fora’). O bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora. E é a tensão entre esses dois termos, um dentro e um fora, que vai aos poucos se tornando o prolongamento c um dentro que se efetua a apropriação do espaço (MAYOL, 2013, p. 42).

Assim, o bairro aparece como sendo os caminhos traçados cotidianamente pelo usuário, contendo as marcas que os moradores conseguiram impor no espaço urbano (MAYOL, 2013). Esta visão da favela, como espaço onde se desenrola a identidade daqueles que a habitam, foi longamente apontada pelos moradores locais. Elementos como os mosaicos que enfeitam a favela, confeccionados em mutirão ou as pinturas feitas em ocasiões especiais, como na Copa do Mundo de 2010, eram mostradas pelos moradores em conversas informais.



Figura 26: Associação de Moradores de Vila Canoas, enfeitada por meio do Projeto Mosaico. Fonte: a autora, 2014.

A favela se torna assim o espaço de reconhecimento, por ser cotidianamente apropriada pelo usuário, implica ações que usualmente recomponham o ambiente, à medida que há o investimento dos sujeitos e que se constroem as peças de uma prática cultural espontânea. Por isso, sustenta Mayol (2013), é possível o usuário exercer um controle sobre o bairro que habita.

Durante pesquisa de campo, chama atenção como Vila Canoas era apresentada pelos anfitriões à pesquisadora. Eram os elementos que simbolizavam a memória e a

afetividade dos membros da família com o local: “ *a igreja que me casei*”, “ *a escola que meu filho estudou*”, “ *a primeira casa que morei quando cheguei na comunidade*”, os escolhidos para descrever o local de moradia. A memória do bairro estava repleta pelas memórias individuais de cada um que caminhava como anfitrião pelo espaço coletivo.

Do mesmo modo, foi observado os fortes laços sociais que ligam os moradores da residência aos vizinhos e demais moradores da comunidade, quando ao mostrar a favela, era prática comum ser apresentada também aos amigos e vizinhos por meio do convite a “ *conhecer minha hóspede*”.

Formando parte do cenário e da fachada, encontramos também a casa, que compreende mais que a construção em si, mas também a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos que servem como pano de fundo e sustentam o desenrolar da representação (GOFFMAN, 2013).

Um espaço habitado por uma pessoa, como diz Mayol (2013), esboça um retrato e um relato da vida daquele que habita, verificado nos objetos, nas preferências, no cuidado e na maneira de organizar o espaço. Vista deste modo, a casa retrata “o traço de uma encenação destinada a dar uma certa imagem de si, mas também a confissão involuntária de uma maneira mais íntima de viver e de sonhar” (MAYOL, 2013, p. 204).

No caso da hospedagem na favela, todo o aparato que compõe o ambiente doméstico reforça o discurso da experiência, vivência e aproximação com o cotidiano dos moradores que o turismo em favela propõe. Foi dessa maneira que a pesquisa de campo possibilitou a observação das casas e toda a simbologia que ela carrega: as fotos da família, os objetos de decoração, a escolha do mobiliário, as investidas de reforma ou as modificações na residência ainda por fazer, relatadas pelos moradores.

Além destas, outras características demonstram um espaço ocupado, como o casaco displicentemente deixado em cima do sofá, a presença de animais domésticos, uma lâmpada queimada, em contradição com ambientes excessivamente assépticos e organizados dos meios de hospedagens convencionais.

Outro ponto observado durante a pesquisa é a ausência de um dormitório destinado exclusivamente ao uso do visitante, isto é, na maior parte do ano, os dormitórios são ocupados por um dos membros das famílias.

Dessa maneira, as fotos expostas nas paredes, os objetos de decoração, a disposição da mobília, evidenciam que aquele local é, de fato, habitado. Revelam ainda subjetividade dos moradores e fazem do espaço de hospedagem um local mais pessoal, em oposição a outros meios de hospedagem formais.



Figuras 27 e 28: Residência da anfitriã Eneida. Fonte: a autora/2014.



Figuras 30, 31 e 32: Casas destinadas a hospedagem domiciliar. Fonte: Favela Receptiva, 2014.

Como prevê Goffman (2013), o ambiente da representação é composto também por uma região oposta à fachada, denominada de “região dos fundos” ou os bastidores, locais onde é preparada a representação e onde os atores podem se despir momentaneamente de seus personagens. No caso da hospedagem doméstica, os espaços com tais características são, em geral, espaços destinados à limpeza, como as áreas de serviço, além dos quartos, excluindo aqueles ocupados pelos turistas, como espaços onde circulam exclusivamente os moradores da casa.

Na constituição do ambiente, foi observado ainda a preocupação com a organização e a imagem da casa. Roupas de cama e toalhas recebem atenção especial, bem como a pintura, limpeza e arrumação dos quartos²⁷. Eneida, ao relembrar o início do projeto, conta como foi alocado os primeiros recursos materiais para configurar os ambientes e quais os critérios utilizados na seleção das casas:

Não teve nenhuma preparação material, cada um entrava com o que tinha, sua própria cama. A única coisa que combinamos é que a roupa de cama não poderia ser velha, nem rasgada. E a casa tinha que ser limpa. E eu também via as casas, casas sem janela, do lado da cachoeira não entrava no projeto (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2015).

Paralelamente ao serviço de hospedagem e ao turismo, outro ponto de convergência entre estes indivíduos foram as necessidades transformações e reformas das residências ao longo dos anos, apontadas como empreitadas importantes desde que chegaram ao local. A readequação do espaço se faz necessária não só pelo conforto, mas também devido ao aumento gradativo das famílias, compreendendo principalmente a construção de dormitórios extras para os filhos. Individualmente, as transformações necessárias nas residências são condicionadas ao aumento da renda familiar ao longo dos anos.

Embora o turismo não seja a motivação principal para as reformas ocorridas nas residências, de maneira ou outra a atividade pode atuar como causa ou efeito para as modificações no espaço da casa. Com a ampliação e criação de novos espaços, como um quarto ou a ampliação da sala, a presença e acomodação dos hóspedes é favorecida. Ou, por exemplo, como no caso da anfitriã Dona Vera, a renda necessária para ampliação da

²⁷ Dados do caderno de campo.

casa, colocação do piso e construção da varanda veio do trabalho de hospedagem, mostrados nas imagens a seguir:



Figuras 32 e 33: Resultado das reformas na residência da anfitriã Vera. Fonte: a autora, 2014.

Segundo assinala John Urry (2001), sociólogo britânico, a maneira de se portar do turista está condicionada ao grupo social ao qual pertence e com o período histórico em que se insere. O turismo se constrói a partir da diferença e do contraste da vida cotidiana, que é o ponto de partida para a construção do olhar do turista. Então, o turismo seria um afastamento da rotina “permitindo que nossos sentidos se abram para um conjunto de estímulos que contrastam com o cotidiano e o mundano” (URRY, 2001 p. 17).

Ao consumir a favela por meio do turismo, como aponta Bianca Freire-Medeiros (2009), os elementos que chamam atenção do turista são aqueles que expressam maior contraste em relação a sua própria habitação, como as casas em desalinho, os becos estreitos e as investidas para obter energia elétrica, popularmente conhecida como fiação “gato”.



Figura 34: Fiação de Vila Canoas e crescimento vertical. Fonte: a autora, 2014

A partir destas observações, o turismo realizado nas favelas cariocas é uma atividade que apresenta como tendência o consumo do local enquanto paisagem (FREIRE-MEDEIROS, 2009; MENDES, 2013), principalmente onde a paisagem vinculada à pobreza se torna atrativo.

Porém, durante a pesquisa, além da caracterização do espaço, procurou-se abordar como se dá a relação favela e turismo considerando a subjetividade do morador anfitrião. Verificou-se que a visão da favela como uma paisagem passível de ser consumida não é compartilhada por eles, que têm outro tipo de relação com o local. Ao apontar valorização do modo de vida e a cultural, como os aspectos mais importantes vinculados à favela, têm-se a percepção que, para o morador, o espaço turístico é local onde se enfatiza laços afetivos, o contato e a sociabilidade.

Eles [os turistas] tira foto [da favela] e agradecem, elogiavam a comida, falavam que o café da manhã é espetacular, tiravam fotos da mesa. Muitas vezes falavam que gostavam do jeito do brasileiro, que a favela era acolhedora. Era bom, eu ficava satisfeita em ouvir essas coisas (Rosa, anfitriã, 2015).

Eu acho que o turismo valoriza a comunidade. Muitas vezes o turista quer se hospedar aqui [na favela] por causa do contato. Que é diferente de ficar num hotel, né? Também é bom porque a gente conhece gente do mundo todo, a gente aprende um pouco da cultura deles e eles da nossa. E aqui eles se sentem em casa [...]. É mais turistas jovens, vem gente de tudo que é país. Tem vários tipos, a gente aprende também (D. Vera, anfitriã, 2014).

Nesta perspectiva do morador, o bairro é visto como o local onde se dá a relação com o outro, sendo, antes de tudo, um ambiente social. É por meio dele que o habitante é inscrito em um círculo de códigos sociais que são preexistentes à ele, composto pelos vizinhos, pela disposição geográfica dos elementos físicos, etc. Sair pelo bairro é principalmente, uma relação entre uma pessoa e um meio físico e social (MAYOL, 2013).

Sendo a favela um espaço social e que oportuniza a sociabilidade entre os sujeitos que dela se ocupam, as motivações ligadas ao turismo são relatadas pelos moradores da seguinte forma:

Eu que eles querem ficar aqui por causa da favela mesmo. Por causa da proximidade com as pessoas e também porque Vila Canoas é um lugar muito tranquilo, sem drogas, traficantes. Também tem o contato com a natureza (Rosa, anfitriã, 2015).

Eu acho que eles gostam daqui por causa do lugar. Porque na hospedagem domiciliar você tem a oportunidade de receber dicas, tem uma pessoa que se preocupa com você, você aprende os costumes[...]. Às vezes as pessoas têm preconceito com favela, mas é porque não conhece. A partir do momento que você começa a conhecer você tem outra visão. É diferente quando você se hospeda, porque você sente mesmo. E a favela tem essa questão cultural, tem uma história, tem a cultural (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2014).

Eu acho que eles vêm pra cá porque a favela é um lugar vivo, tem vida, criança, tem gente. E é o contato com tudo isso que eles procuram (Seu Luís, anfitrião, 2014).

Deste modo, o bairro, enquanto espaço de sociabilidade, se inscreve na identidade do indivíduo à medida que as representações que dele decorrem se tornam referência para a construção da identidade coletiva dos moradores. Ao caracterizar Vila Canoas como local tranquilo e pacífico, ausente de organizações criminosas e narcotráfico, verificamos a intenção em associar uma ilustração positiva do ambiente. Ao propor uma imagem da favela desvinculada do perigo e de atividades criminosas, imagem comumente projetada na mídia e pelo senso comum, fica claro quando a anfitriã percebe na atividade uma forma de alterar uma série de preconceitos tão fortemente arraigados em nossa sociedade.

Se existe a recusa ao relacionar a favela a uma imagem negativa, ao empregar adjetivos ligados à vivacidade, ao contato com a natureza e cultura local, como parte dos eventos que seriam mais facilmente vivenciados por uma hospedagem neste local, o serviço se converte como uma ferramenta capaz de transformar, as representações vinculadas no cotidiano dos moradores da comunidade.

4. O turismo em favela como encontro de culturas

Durante a pesquisa de campo pudemos notar uma diferenciação entre o público que opta por se hospedar na favela, quando comparado ao grupo que realiza os passeios guiados. Embora em ambos exista a presença massiva de turistas estrangeiros, existe uma distinção de idade e de motivações naqueles turistas que utilizam a favela como meio de hospedagem.

Verificou-se assim, que na hospedagem domiciliar há um predomínio do público que se denomina turista *backpacker* ou turista mochileiro, caracterizados por Oliveira (2008) como turistas que se organizam de forma independente, flexível e econômica, que viajam por longos períodos e procuram conhecer destinos diversificados. Em geral, trata-se de indivíduos jovens, que procuram estabelecer contato direto com as populações dos locais de destino e buscam atividades de recreação informais e que priorizem a participação.

Além do mochileiro, a comunidade atrai ainda muitos esportistas, vindos de várias partes do mundo, com o intuito praticar esportes como asa delta e voo livre, segundo as observações dos próprios anfitriões²⁸.

No decorrer da pesquisa, optou-se por verificar como este público é percebido pelas famílias anfitriãs, que conferem uma primazia por viajantes com este tipo de perfil, se comparado com outros turistas, acostumados com formatações massificadas de viagem.

Neste caso, é necessário atentar para as práticas simbólicas que estão em curso no momento do contato entre os dois grupos envolvidos na atividade. Goffman (2013) chama atenção para o conjunto de elementos ao qual o indivíduo dispõe que servirão como guia de suas ações durante o processo de interação. Tais elementos podem ser construídos pelas informações prévias que ele detém sobre aquele com quem é posto em contato ou então é construído no momento da presença, propriamente dita.

Ao voltamos a observação para o turismo em Vila Canoas, este conjunto de informações que caracterizam os turistas é determinado pelos anfitriões por meio referências como “*turistas mais mente aberta*”, “*público jovem, mochileiro*”, “*diferente dos turistas que ficam [hospedados] na orla ou participam do tour*”, além da visão de se

²⁸ Dados do caderno de campo.

tratar de um turista à procura de proximidade. A anfitriã Rosa nota as diferenças de comportamento entre turistas “*mais jovens*” em relação ao turista comum:

Acho que estes jovens que vem de outros países, que ficam mais tempo aqui, não viajam só para conhecer o lugar. Quer dizer, o lugar é importante, mas é importante também as pessoas, eles vêm e se hospedam por causa da proximidade com as pessoas também (Rosa, anfitriã, 2015).²⁹

Como será visto mais adiante, a ideia de contato e proximidade entre moradores e visitantes é um ponto que perpassa toda motivação para o trabalho da hospedagem. Porém, outra percepção abordada pelo anfitrião Luís relata um maior respeito pelo espaço e pelos costumes locais:

Olha, eu nunca tive muitos problemas com esses turistas mais jovens, assim, no dia a dia, né? Eles não têm muita frescura, não ficam reclamando, acho que respeitam mais também, seu espaço, sua casa. Em algumas situações, parece que é mais fácil lidar, porque tão acostumados a este tipo de hospedagem (Luís, anfitrião, 2014).

Em contraposição, Rosa percebeu um comportamento contrário ao hospedar uma família, grupo que foi um dos primeiros a se hospedarem em sua casa, que não tinha conhecimento que se tratava de uma hospedagem domiciliar localizada em uma favela.

Pensando se tratar de uma pousada, com um serviço profissional, o grupo foi hospedado no quarto da filha mais velha, onde houve algumas situações de divergência, principalmente relacionados à limpeza e ao que considerou um desleixo em relação aos móveis e objetos do aposento, como relata a seguir:

Estes foram meus uns dos meus primeiros hóspedes, era uma família brasileira que veio se hospedar aqui sem saber que era uma favela, sem saber que iam ficar na casa de uma família. Eles achavam que iam ficar numa pousada, mais barata, sabe? Vieram na verdade por causa do preço. Não foram indelicados, mas eu tinha acabado de montar o quarto da minha filha caçula, a mobília estava nova, o quarto inteiro estava novo e eles estragaram, mancharam a cômoda e deixavam o quarto todo dia sujo. Tive que jogar a roupa de cama. Foi complicado (Rosa, anfitriã, 2015).

Diante de comportamentos tão distintos, é preciso atentar para uma discussão trazida por Labate (2000), que considera que, embora o referencial principal das viagens

²⁹ Depoimento colhido no caderno de campo.

seja o lazer e o consumo, não existe apenas uma cultura de viagem. As motivações e os comportamentos dos turistas são heterogêneos, com especificidades que envolvem os diversos grupos que viajam. Dentre estas particularidades, podemos citar gênero, classe, localização sociocultural. Ou ainda, como mostra Barretto (2007), a disponibilidade de tempo, dinheiro, o *background* cultural, o ramo de atividade profissional, os conceitos e os valores atribuídos ao tempo livre, situação familiar, motivações psicológicas e pressões externas, como amigos e propagandas vinculadas em diversas mídias.

Dessa maneira, ao atentar para estas características embutidas aos diferentes tipos de turistas, Labate (2001) verifica o renascimento de um novo tipo de viajante, denominado “viajante-turista”, que parte em direção aos destinos em busca de enriquecimento cultural e pessoal, adquirido por meio de um contato mais profundo com a cultura local.

Neste contexto, se o turismo é uma atividade que pressupõe o contato entre indivíduos de diferentes, é preciso notar que a prática traz embutida o caráter cultural do turismo. Margarita Barretto (2007) diz que o turismo, no âmbito cultural, pode estar atrelado aos aspectos imateriais de determinado local, tendo como atrativo o conjunto de hábitos, usos, costumes e formas de vida cotidiana que compõe aquela sociedade. Neste evento, as motivações para a viagem se ligam aos elementos da vida humana, que englobam a história local, o cotidiano dos moradores, os artesanatos, as festividades ou quaisquer outros elementos que refletem a cultura local.

No caso da favela, como visto, tais elementos podem ser ordem física, como as construções que acompanham os terrenos acidentados, as características das casas, o comércio e infraestrutura no geral, que carregam uma simbologia deste território, da sua história e ocupação. Da mesma forma, a favela possui outros tantos elementos imateriais que representam os a identidade daquela comunidade, daquilo que o turista, muitas vezes, associa com a “brasilidade”. São as rodas de samba, o carnaval, as festividades, ou ainda a história, pobreza, violência, segregação e a nossa desigualdade social, que coloca, no caso do Rio de Janeiro, essa distinção entre pobres e ricos a olho nu na paisagem local.

Vendo a cultura como certos elementos que unem uma coletividade e definem o comportamento humano para além das determinações biológicas (CUCHE, 2002), consideramos que a cultura, se trata de um sistema simbólico, referido a ideias, valores e comportamentos coletivos (BARRETTO, 2007; CUCHE, 2002).

Ao resgatar o conceito de comunidade, para falar dos aspectos culturais do turismo, Margarita Barretto (2007) define:

Alguns aspectos, como por exemplo, num certo padrão de comportamento que reflete uma determinada mentalidade, uma série de atributos culturais compartilhados que se traduzem em aspectos visíveis, como linguagem, vestimenta, culinária, festividades, tipos de moradia, estilo de vida e “aspectos ocultos, como crenças, éticas e atitudes” (BARRETO, 2007, p. 55).

Como conta Eneida, ao planejar produto turístico oferecido pela agência Favela Receptiva, um dos pontos mais importantes foi priorizar a vivência do ambiente pelo turista, trazendo a oportunidade de “*viver como um morador local*”, empreitada possibilitada pelo aparato cultural relacionada à favela. Ao apoiar a hospedagem nestes aspectos, considerando o modo, os costumes e o cotidiano, atividade assume a capacidade transmitir uma imagem mais próxima do cotidiano vivido na favela:

A Favela Receptiva surgiu então, com o objetivo que o turista viva como um morador local, para que ele veja a favela de um outro ângulo E o turista fala que adora! Acreditamos a satisfação depende disso (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2015).

Dado interessante é que a hospedagem doméstica em Vila Canoas selecionada como uma das hospedagens mais exóticas do mundo, pelo site *Rough Guide*³⁰, guia de turismo inglês de alcance global. Porém, diante da tendência em ancorar o turismo aos aspectos exóticos da favela e de seus moradores (FREIRE-MEDEIROS, 2007) promovido pelo discurso de *marketing* vinculados pelas empresas que promovem a atividade e confirmado pelos turistas que consomem a favela como atrativo turístico, observou-se a existência de antagonismo vindo da população local, por meio da recusa considerar o próprio modo de vida pelos termos alegóricos, preferindo encarar a atividade como meio de chegar a um encontro amparado na realidade.

Esta ambivalência reside porque, segundo John Urry (2001), na pós-modernidade, as fronteiras culturais tendem a se diluir, fato que resulta na dificuldade em distinguir esferas como a produção cultural em detrimento da produção comercial. Nesse sentido, as representações e a realidade aparecem como conceitos confusos, ao mesmo tempo que passam a construir novos símbolos, que por sua vez, são cada vez mais associados como objetos de consumo. Essa conversão dos símbolos e representações em linhas de consumo é uma das bases que sustentam o desenvolvimento do turismo contemporâneo.

³⁰ www.roughguides.com/

Nesta mesma direção, Labate (2001) afirma um crescente apego pelas imagens na sociedade pós-moderna, em que o *outro*, conceito amparado pelas diferenças étnicas ou de nacionalidades, apresentam a tendência de midiaticizar. São, portanto, transformados em imagens, para logo depois, se converterem em mercadorias.

No caso da favela, Bianca Freire-Medeiros (2007) aponta que a construção da imagem é permeada por predicados contraditórios, como uma dinâmica que parte do imaginário da favela e da cultura atribuída a ela. O conjunto destas imagens propagadas em diversos canais midiáticos e circulado mundo afora, personalizam uma favela como, ora perigosa, ora local do risco, da criminalidade e da pobreza, ora como local estilizado, obedecendo a tendência do *poor chic*– uma representação estilizada da pobreza e dos símbolos relacionados às classes populares, que transformam a favela em sinônimo daquilo que é descolado, alternativo, reciclado ou “ a sensação do momento.

Durante a realização da pesquisa, observou-se alguns elementos deste imaginário foram percebidos pelos moradores locais, que relataram situações em que os turistas encararam o estar na favela como uma “*aventura*”, remetendo o espaço à vivência do perigo ou então a precariedade:

A maioria dos jovens não contam, quando vão viajar, que vão ficar hospedados numa favela para os pais. Não sei se porque tem medo deles não deixarem ou porque acham perigoso e o que atrai é essa sensação de perigo (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2014).

Teve uma turista que uma vez veio com bússola, mapa, chapéu. Eu achei até engraçado, porque eu acho que ela tava pensando que ia ficar em um lugar super precário, sem nada (Rosa, anfitriã, 2015).

4.1. Interação, representação e hospitalidade: o turismo e a sociabilidade

Sendo a hospedagem um momento da representação, é o momento também que o morador local tem a oportunidade de transmitir uma imagem de si mesmo, sem intermediários. Isto porque, segundo Goffman (2013), ao tomarmos como referência os aspectos cênicos, assumimos também uma espécie de “fachada pessoal”, como parte do equipamento expressivo pelo qual o próprio ator se identifica.

Além de elementos com sexo, vestuário, idade, características sociais, padrões de linguagem e expressões faciais e corporais, inscreve-se nesta categoria o que Goffman

(2013) chama de aparência, como sendo aqueles estímulos que revelam, além do *status* social do ator, o estado temporário do indivíduo: se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho ou recreação informal, etc.

Por último, a fachada pessoal revela o que Goffman (2013) chama de maneira:

Os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima. Assim, uma maneira arrogante, agressiva pode dar a impressão de que o ator espera ser a pessoa que iniciará uma interação verbal e dirigirá o curso dela. Uma maneira humilde escusatória pode dar a impressão de que o ator espera seguir o comando de outros, ou que pelo menos que pode ser levado a proceder assim (GOFFMAN, 2013, p.36-37).

Sendo a representação o momento pelo qual o indivíduo transmite uma imagem dele próprio, e a maneira o modo pelo qual ele conduz a representação, notou-se que estes dois elementos convergem para a criação de uma esfera amistosa no momento da hospedagem, que possibilita a criação de laços afetivos entre os grupos envolvidos na interação que, embora momentâneos, são apontados como parte dos ganhos simbólicos proporcionado pela hospedagem:

Uma vez, eu hospedei dois moços que vieram da Finlândia. Eles vieram duas vezes e nas duas vezes se hospedaram na minha casa. Na segunda ele veio participar de um campeonato de Asa Delta... Foi pra Minas Gerais, Espírito Santo e depois pro Rio de Janeiro e eles foram campeões, me deram o troféu! (Rosa, anfitriã, 2015).

Na verdade você cria um vínculo, né? Porque muitas vezes você fica amiga da pessoa que fica na sua casa, sai junto, vai apresentar a cidade pra ela. Depende do turista também, mas quando ele dá abertura, é como você tivesse hospedando um turista na sua casa. Tem turista que já foi comigo visitar meus pais lá na zona oeste (Eneida, Agência Favela Receptiva).

A maioria dos turistas que ficaram aqui são bastante curiosos, interessados. Como o contato é próximo, a gente acaba se aproximando, contando da família, acabam conhecendo os amigos e parentes aqui da comunidade, saindo junto, indo à praia, tomar uma cerveja, já ficam amigos do pessoal ali do bar (Seu Luís, anfitrião, 2014).

Trata-se portanto de uma negociação que ultrapassa as questões materiais, para se transformar em trocas figurativas entre os dois grupos sociais envolvidos. Neste tipo de intercâmbio, os aspectos envolvidos se aproximam daqueles estudados por Marcel Mauss (2003), referentes às sociedades arcaicas. O autor atentou para a lógica que se insere na vida social, que faz com os fenômenos sociais apresentado nas diversas instituições-

políticas, econômicas, religiosas, jurídicas e morais, essa última relativa à política e ao meio familiar- resultem em fenômenos com características particulares de produção e consumo, mais abrangente e amplo que as trocas econômicas.

Antes de tudo, Mauss (2003), ao invés de considerar o indivíduo, volta a análise para o contrato firmado entre coletividades, tidas como “pessoas morais”, compreendendo os clãs, tribos ou famílias. Estes intercambiam entre si, mais do que bens e riquezas de valor econômico, mas um conjunto de "amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente" (MAUSS, 2013, p. 14).

Através de uma descrição etnográfica, o autor aponta as regras deste tipo de intercâmbio. Embora a troca aparente ser um processo voluntário, não presentear ou não aceitar um presente, representa uma recusa e rompimento com as normas de sociabilidade, pois “"equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão." (MAUSS, 2003, p. 25).

Nestas sociedades os objetos trocados estão envoltos em uma esfera de subjetividade, pois, “ há, antes de tudo, mistura de vínculos espirituais entre as coisas, que de certo modo são alma” (MAUSS, 2013, p. 27).

Tendo como regra implícita a reciprocidade, as trocas estão baseadas em um sistema de dádivas, que simbolicamente produzem alianças, sendo o alicerce para a construção de redes de relações de diversas ordens. A dádiva, correspondendo a espiritualidade materializada ou não, traz embutida o princípio da comunicação entre grupos e a base de um código social, o que explicaria a sociabilidade destas comunidades.

O princípio da dádiva é transposto também no conceito de hospitalidade, observada por Mauss (2013) entre os Pigmeus:

[...] fatos desse tipo entre os Andamaneses (Ilha do Norte) e os descreveu em excelentes termos de hospitalidade entre grupos locais e visitantes-feiras, que servem para trocas voluntárias-obrigatórias (comercio do ocre e produtos do mar por produtos da floresta. Apesar da importância dessas trocas, como o grupo local e a família, noutros casos, são autossuficientes em matéria de ferramentas, etc., esses presentes não servem à mesma finalidade que o comercio e a troca nas sociedades mais desenvolvidas. A finalidade é antes de tudo moral, seu objeto é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas, e, se a operação não tivesse esse efeito, faltaria tudo (MAUSS, 2013, p. 37).

Ao aproximar as descrições realizada por Mauss (2013) e a vivencia proposta pelo turismo em Vila Canoas, percebemos a hospedagem doméstica muitas vezes ultrapassa o caráter comercial da atividade. Na visão do morador que abre suas portas para o visitante, o trabalho não se limita à obrigação profissional, aos deveres e obrigações formalmente impostas pelo trabalho, mas converte-se em um sistema de trocas simbólicas, reforçadas pela vivência da hospitalidade:

Teve uma vez que eu hospedei um grupo de chilenos e era engraçado porque eles não saiam de casa. As vezes iam pegar o lanche e o almoço e vinham comer aqui comigo. Quando eles foram embora, preparei um almoço de despedida. Tem turistas que a gente sente saudade (Rosa, anfitriã, 2015).

É, de acordo com Pimentel (2007), nos conceitos de trocas, dádiva e hospitalidade que se ampara a hospedagem doméstica, tida como umas das características mais marcantes do produto turístico:

Por permitir uma experiência diferenciada no turismo, a existência de espaço de encontro, entendido aqui como relação interpessoal onde ocorra a hospitalidade e a dádiva, entre turistas e anfitriões mostra-se um fator de extrema relevância, principalmente quando visto sob o prisma da sustentabilidade (PIMENTEL, 2007 p. 6).

Durante as entrevistas, foi observado que, como frutos da hospitalidade, das trocas e dádivas formadas entre turistas e moradores, formam-se laços de amizade, considerados um dos ganhos simbólicos mais significantes trazidos pela experiência:

Olha, eu já cheguei a fazer amizade de verdade com turistas. Teve um alemão que ficou na minha casa três vezes. Era muito legal. Ele ficava duas, três semanas. Ele era engenheiro. Da última vez que ele veio, trouxe a família, a mulher e os filhos. Era muito bom, até hoje nos falamos pelo e-mail (Rosa, anfitriã, 2015).

É o calor humano, eles [os turistas] se sentem em casa, em um ambiente familiar. É uma coisa mais aconchegante. A gente cria um laço de amizade o com os turistas, acho isso importante. Às vezes eles voltam pro país deles e me mandam uma lembrança. O contato é muito bom. (D. Vera, anfitriã, 2015).

Neste mesmo sentido, Goffman (2013) também percebe que o processo de interação envolve o “interesse de regular a ação dos outros, principalmente a maneira como o tratam” (GOFFMAN, 2013, p. 15), controle realizado por meio da influência

sobre a definição da situação e sobre a imagem a ser formulada pelos outros, porque “quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir” (GOFFMAN, 2013, p. 15).

No caso da hospedagem doméstica, este andamento se dá através da construção de um ambiente familiar, com ações voltadas para a proximidade, como demonstra os depoimentos:

Olha, quando o turista vem em casa eu já costumo perguntar o que ele toma no café da manhã, porque eu acho isso um cuidado a mais, né? Às vezes quando eu tô lavando roupas, eu pergunto se não tem nada que quer lavar, convido para lanchar, almoçar. Porque pra mim não custa nada e eu acho que a pessoa se sente mais à vontade também (Rosa, anfitriã, 2015)³¹.

É interessante porque alguns [turistas] chegam meio perdidos. O turista chega em casa e eu mostro pra ele o quarto, o banheiro, a casa toda e depois eu apresento a favelinha, costumo apresentar os vizinhos, deixar à vontade, sabe? (Luís, anfitrião, 2015).

Uma coisa que eu procuro fazer, ainda mais quando é turista moço, mocinha assim, é apresentar gente da mesma idade, pra sair, passear. Porque tem muito turista que viaja sozinho. Então, por exemplo, se um turista quer ir pro samba, eu vejo quem tá indo pra roda de samba pra levar ele junto (Eneida, anfitriã, 2015).

Dessa maneira, ao observarmos o empenho em transmitir uma imagem de acolhimento e amizade, expressões que são emitidas não somente por meio dos símbolos verbais, mas em uma “ampla gama de ações que os outros podem ser consideradas sintomáticas do ator” (GOFFMAN, 2013, p. 14), que envolvem valores que ultrapassam as atividades da hospedagem em si- acolhimento, preocupação, interação- ações que envolvem o turismo como um todo, mas podem ser mais facilmente sentidos no ambiente doméstico de hospedagem.

Como retorno, o anfitrião tem reações que igualmente, se mostram amigáveis e cordiais por parte do hóspede, pois “na medida em que os outros agem como se o indivíduo tivesse transmitido uma determinada impressão, podemos ter uma perspectiva funcional ou pragmática e considerar que o indivíduo projetou ‘efetivamente’ uma certa definição da situação” (GOFFMAN, 2013, p. 18).

³¹ Trecho anotado no caderno de campo.

Assim, como sugere o jogo de representação, o curso da interação nunca é passivo. Goffman (2013) considera que quando um indivíduo projeta uma definição da situação no momento em que se encontra diante de outros, a continuidade do seu comportamento é condicionada de acordo com as respostas dadas pela plateia ao qual se apresenta.

4.2. O turismo como ruptura: visões antagônicas sobre a hospitalidade

Em uma análise mais profunda, é necessário se afastar de uma visão romântica ao analisar o momento da interação pois, muitas vezes ela está envolta numa espécie de acordo, tão tácito como momentâneo, que antes de revelar uma resposta genuína entre os sujeitos, se aproxima mais de uma norma social, em que as questões são temporariamente acatadas como forma de evitar o conflito aberto:

Em geral, as definições da situação projetadas pelos diferentes participantes são suficientemente harmoniosas, a ponto de não ocorrer uma franca contradição. Não quero dizer que haverá aquela espécie de consenso que surge quando cada indivíduo presente candidamente expressa o que realmente sente e concorda sinceramente com os sentimentos expressos pelos outros presentes. Esta harmoniosa é um ideal otimista, não sendo, de qualquer forma, necessária para o funcionamento regular da sociedade. Ao contrário, espera-se que cada participante suprima seus sentimentos cordiais imediatos, transmitindo uma visão da situação que julga ser ao menos temporariamente aceitável pelos outros (GOFFMAN, 2013, p. 21).

Observamos, portanto, que a hospedagem domiciliar está expressa em um acordo social referenciado por Goffman (2013), que propõe uma troca recíproca de amabilidades observado por Mauss (2013), como forma de construção de uma interação harmônica e pessoal durante o momento da hospedagem, sendo esperado que os dois grupos envolvidos da interação, turista e anfitrião, se comporte de acordo com estes preceitos.

Isto porque, ao projetar a definição da situação durante o momento da hospedagem, os indivíduos esperam um tratamento adequado, com base na situação vivenciada e nas características sociais que possuem. E, sendo assim, “exercem uma exigência moral sobre os outros, obrigando-os a valorizá-lo e tratá-lo de acordo com o que as pessoas de seu tipo têm o direito de esperar” (GOFFMAN, 2013, p. 25).

No entanto, Goffman (2013) também prevê a possibilidade de ocorrer fatos que contradigam, desacreditem ou coloquem em dúvida o caráter desta projeção, que de

alguma maneira, resultem numa interrupção confusa e embaraçosa de uma relação em princípio harmoniosa.

No caso da hospedagem doméstica, embora a maioria dos depoimentos relatem uma comunicação harmoniosa entre eles próprios e os turistas, determinadas circunstâncias indicadas fazem referência a um rompimento com a harmonia inicialmente projetada. Em alguns casos, atribuem a resistência ao diálogo devido aos traços da personalidade dos visitantes, caracterizados como “tímidos”, “quietos”, “reservados”. Ou ainda, estas questões são apontadas como características culturais, como o fato de europeus serem considerados hóspedes mais formais.

No entanto, embora haja uma percepção de readequação do processo de interação diante de um turista caracterizado como “tímido” ou “formal”, a maioria não considera o encontro prejudicial ou negativo.

Em outros casos, essa ruptura com os laços de hospitalidade está baseada em aspectos mais rígidos da sociedade, elencando uma série de opressões ligadas aos preconceitos de classe, de gênero ou de nacionalidade. Nestes casos, conforme adverte Goffman (2013), a situação passa para um estado de indefinição, causando embaraço, perturbação e desconcerto, uma vez que “o sistema social em miniatura, criado e mantido pela interação social ordenada, torna-se desorganizado. Estas são as consequências da ruptura, do ponto de vista da interação social” (GOFFMAN, 2013, p. 260).

Foi o caso observado quando, durante a pesquisa de campo foram relatadas diversas situações em que as representações negativas da favela e de seus moradores se fizeram presentes, como no caso da anfitriã que confidenciou que era comum os hóspedes serem “aterrorizados” no serviço de informações do aeroporto ou durante o trajeto de táxi a caminho da comunidade, quando verbalizavam que iam se hospedar em uma favela.

Em outras situações foram citadas “*demonstrações de superioridade*”³², como as narradas pela anfitriã ao lembrar quando, no primeiro contato com a família e a casa ao qual se hospedaria, um turista afirmou que “*o hall de entrada do seu apartamento era maior que a casa minha casa inteira*” (F., anfitriã).

Essa visão é compartilhada por outra anfitriã, que relata:

Tem turista que vem aqui mesmo para ver que a condição de vida deles é melhor, vem pra se auto afirmar (Eneida, agência Favela Receptiva, 2014).

³² De acordo com o julgamento da anfitriã (dados do caderno de campo).

Se pensarmos que, mesmo sendo um espaço que prioriza o encontro, entrelaçado em relações amistosas, por outro lado, a hospedagem doméstica que se desenvolve na favela, não está livre de ser associada a certos estereótipos que rememoram rótulos e interpretações que desde o século passado impuseram uma condição de exclusão ao território.

Ao tomar a favela como espaço precário, perigoso e vinculado a pobreza, o alvo principal se encontra na identidade do sujeito, já que “o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indeletável, na medida que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública” (MAYOL, 2013, p.44).

Verificando que tais percepções têm como referência os níveis hierárquicos, baseados nas divisões de classes sociais, construídos em meio à sociedade profundamente desigual, a estratificação não se vincula somente aos aspectos materiais da existência, como renda ou moradia, mas revelam uma série de classificações subjetivas, como *status*, poder de consumo, estilos de vida, etc., elementos que compõem uma totalidade de abstrações que separam turistas e moradores da favela.

Por fim, estas visões atingem esfera do lar e a família. Como aponta DaMatta (1986), a família representa um vínculo formado pelo “núcleo de pessoas que possuem a mesma substância- a mesma carne, o mesmo sangue e, conseqüentemente, as mesmas tendências” (DAMATTA, 1986, p. 23). É, ela própria, uma coletividade, pois indivíduos unidos pelo signo familiar partilham o mesmo destinos, objetos, relações e valores que revelam a maneira de ser e estar do conjunto e uma personalidade arquitetada coletivamente.

Se a família representa uma unidade simbólica, a casa é percebida como uma fronteira, representando não apenas o limite físico entre o privado e público, mas sobretudo a demarcação dos aspectos morais importantes àquela coletividade, que devem ser resguardados. A casa torna-se assim, “um espaço da vida social permeado de valores e de realidades múltiplas [...]. Esfera onde nós nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social” (DAMATTA, 1986, p.24-25).

É a casa também o referencial para ideias como “honra” e “respeito”, valores grupais conduzidos por meio da família, em que o “amor filial e familiar” deve se estender aos agregados e amigos, para quem “as portas estão sempre abertas e a mesa está sempre porta e farta” (DAMATTA, 1986, p. 26).

Contraditoriamente, estas visões atingem tanto a coletividade em sentido amplo de ser morador favela-, quanto a esfera pessoal -a família e o lar- já que deixam claro o conjunto elementos pelos quais se constroem uma sociedade marcada pela desigualdade, ao mesmo tempo que revelam os preconceitos que esta mesma sociedade legitima, onde é permitido classificar sob o signo da inferioridade, material e subjetiva, o estilo de vida do morador da favela em primazia daquele vivenciado pelo turista estrangeiro. Tem-se assim, uma ruptura dos laços familiares e de amizade, como conta a anfitriã:

Agora você imagina que o gringo vem aqui na sua comunidade, dentro da sua casa, onde você abriu as portas pra ele e fala que a sala dele é maior que sua casa inteira?! Imagina se fosse com você? Fiquei chateada (anfitriã).

Outro relato, a informante relata o próprio estigma que carrega consigo enquanto moradora da favela, ao mesmo tempo reafirma sua própria coletividade através dos laços construídos da comunidade:

Eu poderia mudar daqui, vender minha casa e comprar um apartamento na Zona Norte³³... Mas aqui em Vila Canoas, eu tô perto de tudo, das praias, não é longe do centro da cidade também. Têm ainda os vizinhos, porque aqui eu conheço todo mundo. O problema é como as pessoas reagem quando você fala que é morador da favela... (Rosa, anfitriã, 2015)³⁴.

4.3. Hospedagem domiciliar e as questões de gêneros

Além da hierarquia que divide as classes sociais, verificou-se que opressões de gênero podem ser observadas no decorrer da hospedagem doméstica. Quando perguntada sobre as tarefas atribuídas a cada um dos membros da família, a anfitriã Rosa, única entrevistada cuja a família era composta por ela e as filhas, relatou que realizava as tarefas sozinha, condição justificada pelo receio em partilhar o mesmo espaço da casa com turistas do sexo masculino:

Eu sempre fiz tudo sozinha. Quando vinha turista, a Lisandra já era casada e a Lorena³⁵ eu preferia que fosse pra casa da sogra. Porque os turistas são

³³ A Zona Norte do Rio de Janeiro é a maior região do Rio, sendo, porém, a menos “turistificada” e mais acessível financeiramente que os bairros localizados na Zona Sul, onde se concentram os imóveis alto valor imobiliário e custo de vida elevado.

³⁴ Trecho anotado no caderno de campo

³⁵ Lisandra é a filha mais mora, atualmente moradora da Zona Sul. Lorena é quem mora com a anfitriã.

muito engraçados, eles pensam que as brasileiras são muito fáceis. E minhas filhas não, elas namoram. A Lorena conheceu poucos turistas. Eu preferia que ficasse só eu. Tudo bem que a Lorena já tem 31 anos, mas já teve turista que convidou pra sair (Rosa, anfitriã, 2015).

Diante da afirmação, é importante debruçar sobre como a anfitriã percebe as relações de gênero e a representação feminina que estão presentes no momento interação. No campo das representações, Silva e Blanchette no artigo *Nossa Senhora da Help* (2005),³⁶ observam que estrangeiros enxergam o Rio, considerando o campo do amor e sexo, através de uma lente forjada por determinadas por algumas predisposições: em primeiro lugar, no plano econômico, a cidade é vista como subdesenvolvida, imperfeita e que se afasta do conceito de normalidade, quando comparada à terra de origem do estrangeiro em questão; por outro lado, no eixo cultural, a cidade é inserida no eixo “não-ocidental” e “não-branca”, o que a coloca como local onde emerge a sensualidade.

Esta última visão tem relação com as representações ligadas ao campo das relações sexuais, em que os turistas estrangeiros tendem a considerar que brasileiros- e mais particularmente as brasileiras- como possuidores de uma sexualidade naturalmente acentuada, uma concepção oposta à sexualidade da mulher ocidental (SILVA; BLANCHETTE, 2005).

Por outro lado, no universo das relações familiares, considerando principalmente o papel que cabe à mulher dentro da família, veem a mulher brasileira com um comportamento semelhantes aquele vivenciado no passado em seu país de origem, menos independentes e mais predisposta a cuidar do lar e da família (SILVA; BLANCHETTE, 2005).

Finalmente, tem-se a visão do Brasil como um país atrasado, que não provê as mínimas condições de sobrevivência, onde as mulheres são as principais atingidas economicamente. O conjunto deste imaginário leva o turista a supor que na cidade ele teria maiores possibilidades de acesso ao sexo e ao amor:

Comparando as opiniões expressas por esses estrangeiros, chegamos a uma visão idealizada da cidade do Rio de Janeiro e das relações sexuais e afetivas de seus habitantes, que situa a cidade como um “campo de diversões sexuais”; nele as mulheres são por natureza “bonitas e exóticas” e sexualmente “ativíssimas” e os estrangeiros do “primeiro mundo” são vistos como extremamente atraentes pelo fato de o Brasil ser um país “perdedor” e eles disporem de dinheiro e status. Ademais, a cidade é entendida como um espaço onde as relações familiares são destacadas e o papel feminino dentro da família

³⁶ Que aborda o turismo sexual na cidade do Rio de Janeiro

é “tradicional”. Importante salientar que essa visão gringa do Rio é também reconhecida e compartilhada por muitos nativos da cidade (SANTOS; BLANCHETTE, 2005, p. 259).

Pierre Bourdieu (2010) contribui para a discussão ao chamar atenção para o fato de que estamos, homens e mulheres, inseridos “em esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, estruturas histórias de ordem masculina” (p. 11), que são incorporadas por meios que esquemas de percepções e ações duráveis, ao qual ele denomina *habitus*. Tais esquemas são a forma pelo que qual se faz presente a dominação masculina, em detrimento da submissão da mulher, tornando todo este processo natural e imperceptível no cotidiano, resultando em um tipo de violência simbólica:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*; moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se em cada agente como transcendentais [...]. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundamentais da ordem simbólica (BOURDIEU, 2010, p. 45).

É desta maneira que as relações de gênero sempre se dão por meio de um arranjo baseado na dominação, onde as práticas e representações entre homens e mulheres não são simétricas. Bourdieu (2010), ao elencar os elementos da cultura Cabila, verifica que em ambas as sociedades, a hierarquia entre gêneros tem relação com os aspectos corporificados de cada um sexos. Em outras palavras, os aspectos da vida social se organizam por meio da construção social atribuída aos corpos que, ao serem colocados em lados opostos em termos biológicos, servem como âncora para a efetivação de distinções sociais entre homem e mulher.

Sendo o corpo uma realidade sexuada, é também por meio dele que se dá o princípio de divisões, em que representações entre os sexos aparecem associadas a características homólogas: alto/baixo, em cima/em baixo, frente/atrás, seco/úmido, claro/escuro; estes esquemas que tem aplicação mais ou menos universal e atuam no sentido de naturalizar a posição em que a mulher se insere junto a coletividade. O

feminino, como expressão da terra, da umidade, da noite e a da natureza é relacionada à uma postura de submissão, passividade, interioridade e sensibilidade (BOURDIEU, 2010).

Como força simbólica, estas representações não servem apenas como princípio para explicar a oposição de comportamento entre homens e mulheres, mas também sustentam a divisão do trabalho e do espaço entre os gêneros:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tente a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a casa um dos dois sexos, de seu local, de seu instrumento; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou o interior desta, entre a parte masculina, como o salão e a parte feminina, como o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2010, p. 18).

Toda esta divisão baseada em opostos, compreendia também o uso dos espaços da casa, que funcionava segundo estes princípios. O espaço, dividido entre a parte baixa e escura por exemplo, tinha a parte inferior como local correspondente o feminino, e a parte alta, relativa ao masculino. Este espaço, também associado ao sol, contribuía para associar o universo masculino ao mundo exterior, ao trabalho agrícola e às vias públicas. A mulher, porém, ao ser representada pela lua, tem seu espaço realizado no lar, e dentro dele, ao ser identificada pela parte baixa, é ela também responsável por todas as obrigações relativas à intimidade, procriação e sexualidade. Isso explicaria o motivo pelo qual todo o cosmo feminino envolve a privacidade e o segredo, em que os objetos da casa e, junto a eles, as atividades biológicas, como dormir, comer, procriar, devem ser confiados à mulher (BOURDIEU, 2009).

Dessa maneira, Bourdieu (2010) ajuda a entender a questão de gênero na cultura ocidental moderna, já que ela não abandonou estes elementos verificados na cultura kabyle. Como guardiã da casa, espaço oposto à rua, o papel da mulher continua a ser vinculado aos trabalhos domésticos, que como verifica DaMatta (1986), raramente é identificado como um trabalho de fato, mas como um “serviço” de categoria inferior ao trabalho formal ou ainda, um prazer ou um favor.

Toda a teoria proposta por Bourdieu (2010) auxiliou no entendimento da divisão do trabalho de hospedagem, que envolvem questões de gênero. Em Vila Canoas, verificou-se que é a figura feminina, prioritariamente, a responsável pelo trabalho de

limpeza, preparação dos alimentos, arrumação dos quartos, como demonstra os depoimentos:

Contratava uma faxineira para limpar a casa, ia no supermercado e fazia uma boa compra, pro café da manhã ser muito farto. Era bolo, pão, frutas, sucos, café. Depois eu ia mantendo a limpeza, fazia o café da manhã. A roupa de cama era só para o turista, travesseiro tinha porta-travesseiro, tudo tinha que ser bem limpo (Rosa, anfitriã, 2015).

Olha, o trabalho de hospedagem não é pra qualquer um não. Porque você tem que lavar, limpar, acordar cedo e preparar o café-da-manhã, aí as vezes tem coisa que falta, tem que sair para comprar. Às vezes tem turista que chega sujo de areia e tem que limpar o quarto e o banheiro toda hora. E tudo tem que ser muito limpo, a roupa de cama, as toalhas. Então é um trabalho que dura o dia todo e eu faço tudo sozinha” (D. Vera, anfitriã, 2014).

Igualmente, Bourdieu (2010) examina que cabe ao feminino uma esfera mística, que determina uma “intuição” típica da mulher. Esta lógica não escapa ao âmbito da dominação, porque ao mesmo tempo que concebe a mulher pelo aspecto da docilidade, determina à ela adulação e ao servilismo que prevê a atenção às necessidades alheias, a vigilância e a observação constante. A mulher é vista como “mais sensíveis aos sinais não verbais (sobretudo à inflexão) que os homens, as mulheres sabem identificar melhor uma emoção não representada verbalmente e decifrar o que está implícito no diálogo” (BOURDIEU, 2010, p. 42).

É deste modo que, durante a hospedagem doméstica em Vila Canoas, grande parte da hospitalidade que requer este tipo de trabalho, fica aos cuidados femininos: o interesse relativo ao bem estar dos hóspedes, a preocupação quanto ao atendimento das suas necessidades e comunicação, em linhas gerais, eram mais fortemente expressas pelas mulheres das famílias³⁷.

Sendo a mulher a figura mais comprometida com o trabalho de hospedagem, as dificuldades que permeiam o contato com os turistas e as percepções são apontadas por elas. Como principal barreira, verificamos que a comunicação, de início, foi um fato que gerou embaraços. Com exceção da chilena Rosa, que tem o espanhol como língua matriz, as anfitriãs contam que foram necessárias algumas investidas, como o uso de gestos ou da tecnologia para se comunicar, ou ainda, a participação nos cursos básicos de línguas, principalmente o inglês, oferecidas na comunidade. Outra tática comum era o auxílio de

³⁷ Dados do caderno de campo.

outras pessoas, em geral os filhos, parentes ou vizinhos, para intermediarem a comunicação.

Outra dificuldade apontada por Eneida foi a alta taxa de ocupação, como fato que comprometia a qualidade do serviço:

No carnaval de 2007, chegamos a receber 60 turistas por dia. O número foi muito alto e a gente tava dando conta em atender todo mundo. Eu vi que era muito, a qualidade, a comunicação ficou comprometida” (Eneida, agencia Favela Receptiva).

Por outro lado, a sazonalidade característica do turismo também foi um fator apontado como prejudicial para efetivar a atividade como renda segura. Como conta Eneida, que tem no turismo sua única fonte de renda, a periodicidade turística e o volume flutuante da renda gerada durante o ano são algumas das maiores dificuldades que ela enfrenta para a manutenção da agência.

Este sentimento é compartilhado com a anfitriã Rosa que explica porque o turismo é uma fonte secundária de renda:

O turismo me ajudou muito financeiramente. Mas é uma coisa que não pode contar muito, porque tem mês que têm [turistas] e tem mês que não tem. Tem mês que tem bastante e tem mês que não tem ninguém (Rosa, anfitriã, 2015).

Se a existência de barreiras e dificuldade são impostas à experiência com o turismo, existem também uma série de retornos positivos a partir do envolvimento com a atividade. Constatou-se além como retorno simbólico, além da valorização do modo de vida, o contato entre culturas e gerações, maior possibilidade de diálogo e criação de laços afetivos, de amizade e respeito entre turistas e população local, parte destas mulheres também relatam uma mudança de comportamento e percepção da própria realidade:

Uma das coisas boas que veio com o turismo foi a possibilidade de conhecer o mundo todo, sem sair da minha casa (D. Vera, anfitriã, 2015).

Uma das coisas boas que aconteceu comigo, depois da hospedagem em casa, foi que eu comecei a viajar. Via essas gringas que viajam tudo sozinhas, tudo novinha. Aí fui ver, comprei uma bota, uma mochila e comecei a ficar em albergue, com a cara e com a coragem e fiquei amarradona. Eu quebrei o paradigma dentro de mim porque eu só viajava com os meus pais e sempre era aquela coisa brasileira que tem que ficar em hotel, com pacote e vi que isso não tem nada a ver, você pode ficar em albergue, acampar, tem vários

jeitos muito legais de viajar, que dá pra viajar com pouco dinheiro. Depois disso todo ano eu viajo, depois do carnaval eu viajo dez dias. Não abro mão. Isso foi o que mais me acrescentou na troca de culturas (Eneida, Agência Favela Receptiva, 2014).



Figura 35: Família anfitriã juntos aos turistas. Fonte: Favela Receptiva/2014

5. Considerações Finais

Ao buscar compreender o processo de construção da favela enquanto destino turístico, no primeiro momento da pesquisa foi necessário resgatar o processo histórico pela qual a ocupação dos morros no Rio de Janeiro se configurou como única opção de moradia imposta à população mais pobre. Desde início do século XIX, tal estrato social era afetado por ações políticas voltadas à eliminação dos cortiços e pela especulação imobiliária na região central da cidade.

Influenciado, posteriormente, pela ocupação da população negra no período pós-abolição, pelo êxodo rural e pela forte imigração vivenciada no século seguinte, o crescimento das favelas foi acompanhado por uma série de representações, em geral negativas, correspondendo ao atraso, à criminalidade e à insalubridade. A favela era, assim, percebida pelo olhar dos outros (de fora) como um perigo social que deveria ser erradicado. Conforme verificou-se, o conjunto destas imagens, fornecidas por uma elite econômica, política e intelectual, estimulou não só uma política de combate aos morros por parte do poder público, mas consagrou uma segregação simbólica ao território, visão que permaneceu no imaginário social e ainda hoje serve como pilar para a interpretação das favelas e periferias cariocas.

Ainda que olhares mais recentes demonstrem que a realidade da favela nunca correspondeu aos estigmas a ela designados, podemos considerar que a pobreza torna-se um dos aspectos da identidade nacional, a medida que “acompanha a história brasileira, compondo o elenco dos problemas e dilemas de um país que fez e ainda faz do progresso um projeto nacional” (TELLES, 2001, p. 18). Naturalizada entre nós brasileiros, a imagem de uma sociedade marcada pela desigualdade torna-se perceptível na ocupação do espaço, que contempla, contraditoriamente na mesma paisagem, residências luxuosas e as favelas.

Esta configuração urbana, pautada na exclusão que as cidades relegam aos mais pobres, a grosso modo, torna-se um elemento que influencia o turismo, à medida que os estereótipos vinculados à pobreza se tornam referência para que turistas estrangeiros se sintam motivados a consumir a favela por meio do turismo. Influenciados por diversos fatores, como filmes, noticiários e literatura, que fornecem uma gama variada de imagens que criam uma expectativa daquilo que viria a ser o destino (URRY, 2001), os viajantes são atraídos, no caso das favelas cariocas, para um local ora marcado pela pobreza e criminalidade, ora para um local autêntico, fruto da personalidade alegre, criativa e

“descolada” dos seus moradores. Torna-se, assim, um local para onde é transferido todo o conceito de “brasilidade”, na visão do turista estrangeiro (FREIRE-MEDEIROS, 2009).

Podemos considerar, portanto, que, no turismo em favela, mais do que um componente físico, o que é vendido e consumido parte de uma coleção de signos e representações associadas à favela e seus moradores. No entanto, ao observar a organização das atividades, percebe-se que, em muitos casos, tais representações minimizam ou excluem a auto representação local.

Nesta perspectiva, a pesquisa trouxe como contribuição para temática a visão que o próprio morador/anfitrião atribui para o turismo que acontece em sua casa e em sua comunidade. Ao abordar a hospedagem doméstica na comunidade de Vila Canoas, procuramos verificar a percepção do anfitrião sobre o processo de interação que ocorre entre eles e os turistas que se hospedam em suas residências. Por meio da pesquisa de campo, foi possível, além da entrevista com os moradores anfitriões, a experiência da própria pesquisadora em agir como uma turista, proporcionando o contato característico deste tipo de hospedagem e a observação dos elementos envolvidos neste tipo de interação, além de se aproximar de questões como as motivações, perspectivas e adversidades envolvidas no trabalho de hospedagem.

Desta maneira, utilizamos como referência os conceitos propostos por Goffman (2013) e o processo de representação advindo desta teoria, durante o qual os sujeitos desempenham um papel social quando postos em contato com um conjunto de observadores. No caso do turismo em favela, a interação acontece entre os moradores anfitriões e os turistas, em geral estrangeiros e viajantes *backpackers*, como mostrou-se neste trabalho.

Ao considerarmos os anfitriões como atores sociais, um dos pontos observados foi a construção da favela enquanto o espaço no qual se desenvolve o processo de representação para o turismo. Este espaço e os elementos que o compõe, como as vielas, ruas, praças, comércio, decoração, etc. atuam como palco e auxiliam o jogo da representação à medida que orientam os agentes a definirem a situação no momento da interação.

Ao verificar a subjetividade do morador quanto à sua comunidade, podemos perceber que a favela está inscrita na identidade local e, o mais importante, nota-se que determinados lugares ganham maior importância à medida que se ligam à memória afetiva dos anfitriões, como quando apresentam a favela a partir de referências ligadas à própria trajetória de vida, como “*a casa que morei*”, a “*escola que meu filho estudou*”,

etc. Não há, portanto, uma tentativa da separação típica de outros empreendimentos turísticos entre vida privada e negócio. Da mesma maneira, na favela o que é enfatizado são os laços de amizade e simpatia nutridos pela comunidade.

Do mesmo modo que a favela, a casa funciona como espaço que se liga à história dos indivíduos que nela habitam, reforçando os laços de identidade, verificados nas fotos, móveis, objetos de decoração e tudo mais que demonstram aquele espaço como um lar. Em ambos os casos, na comunidade ou na residência do morador/anfitrião, os espaços confluem para o maior contato e proximidade que o turismo em favela propõe, como pode ser verificado no emprego de caracterizações dadas à hospedagem como “*uma coisa mais aconchegante*”, segundo a observação de uma das anfitriãs.

Como método de investigação, optamos ainda por compreender o histórico de vida das famílias anfitriãs, como um dos pontos abordados na pesquisa. Embora os relatos revelem trajetórias bastante distintas, verificamos que parte dos depoimentos convergem para a necessidade de acesso à moradia e que a favela se tornou um meio possível de acesso. Outro ponto em comum, foram as investidas de reforma ao longo dos anos, necessárias conforme o crescimento da família e limitadas pelos ganhos financeiros.

Em relação ao turismo, pudemos verificar que a inserção na atividade, em alguns casos, foi motivada, num primeiro momento, pela intenção de garantir um aumento da renda familiar, se configurando como uma atividade secundária aos trabalhos profissionais já exercidos pelos membros da família. Porém, constatamos que o turismo traz outros ganhos simbólicos para o morador da comunidade, ultrapassando, assim, a dimensão mercadológica da atividade.

Vendo grande parte dos turistas como indivíduos abertos ao contato, foi apontado o surgimento de uma sociabilidade entre hóspedes e anfitriões, que resulta de um ambiente regido por uma esfera de proximidade, acolhimento e hospitalidade. Um dos pontos positivos relacionados ao turismo foi a criação de laços afetivos e de amizade com alguns dos turistas que passaram por suas casas, expressos pela afirmação de uma anfitriã de que “*há turistas que deixam saudade*”. Foram relatados sentimentos de valorização pelo modo de vida local e pela comunidade, que são capazes de trazer reconhecimento simbólico para essas pessoas tão habituadas a serem vistas através de estereótipos negativos. Como exemplo deste sentimento de valorização, alguns destes anfitriões percebem um diferencial no próprio modo de vida, marcado pelo “*calor humano*” das relações.

Obviamente, como os turistas são um grupo heterogêneo, foram também apontadas situações em que a harmonia inicialmente projetada foi abruptamente quebrada, principalmente quando trazidos à tona uma série de preconceitos relativos à classe social dos moradores, em oposição à realidade do turista estrangeiro.

Em outras situações, foram verificadas preocupações relativas às opressões de gênero que marcam a sociedade. Dentre estas preocupações está, principalmente, o modo com que o turista estrangeiro constrói uma imagem estereotipada da mulher brasileira, vistas como “*mulheres fáceis*”, segundo observações de uma das entrevistadas, e a apreensão causada por este tipo de representação.

Constatamos que o trabalho de hospedagem também se relaciona com a questão de gênero quando é na figura feminina que se concentra todo o trabalho necessário para o recebimento de turistas: limpeza, preparação dos alimentos, recebimento dos hóspedes e ainda, toda a preocupação com o bem-estar e acolhimentos, tarefas atribuídas às mulheres da casa.

Finalmente, foi através das anfitriãs que conhecemos as principais dificuldades enfrentadas durante o trabalho de hospedagem, que passam por questões como comunicação, a sazonalidade turística e o próprio volume de trabalho, condicionado ao número de turistas recebidos em certas épocas do ano. Da mesma maneira, estas mulheres são as figuras que sentem mais fortemente os pontos positivos proporcionados pelo turismo, como trocas culturais, firmamento de amizades e a satisfação em verificar o bom desempenho no trabalho que realizam.

6. Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155 -202.

ALVITO, M; ZALUAR, A. **Um século de favela**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARRETTO, M. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. Campinas : Papirus, 2007.

BOURDIEU, P. Anexo: A casa ou o mundo invertido. In: BOURDIEU, P. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 437-462.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento; tradução Daniela Kern; Guilherme J.F. Teixeira. -2. Ed. rev.- Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BOURDIEU, P. **A dominação Masculina**; tradução Maria Helena Kuhner.- 8ª. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. (org). **A miséria do Mundo**.17. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 693-732.

BOURDIEU, P.. L'illusion biographique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 62/63, p. 69-72, 1986.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo cultural**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BURGOS, M.B. Dos Parques proletários ao Favela-Bairro: as políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ALVITO, M; ZALUAR, A (org). **Um século de favela**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.p. 25-60.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo a favela**: a produção do “espaço criminalizado”no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed.Brasil, 2005.

CARDOSO, R. **A aventura antropológica**. Teoria e Pesquisa /Eunice R. Durhsam...? *et al.*?; organizadora Ruth Cardoso.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARVALHO, S; SANTOS, M. Inadequação Habitacional em favelas urbanizadas- **Revista: Um desafio para a sustentabilidade urbana no Rio de Janeiro** Vol. 03 Nº. 05, 2007

COSTA, E.V. **Da monarquia a república**: momentos decisivos. São Paulo : Ed. da UNESP, 1999.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?**.- Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FREIRE-MEDEIROS, B. **A construção da favela carioca como destino turístico**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FREIRE-MEDEIROS, B. **Gringo na Laje**: produção, circulação e consumo da favela turística. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREIRE-MEREIDOS, B. A favela que se vê e que se vende: reflexões polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 22 Nº. 65, 2007. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092007000300006&script=sci_arttext>. Acesso: 25 jun.2014.

GEERTZ, C. Os dilemas do Antropólogo: entre “estar lá” e “estar aqui”. **Cadernos de Campo**, USP, vol. 7, n.7, p. 205-235, 1998.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 19.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JUNIOR, Simões et al. **Turismo em favelas**: um estudo de caso na favela da Rocinha na cidade do Rio de Janeiro. Estação Científica. n. 6. – Juiz de Fora, 2008.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2003.

LABATE, B. A experiência do “viajante-turista” na contemporaneidade. In: SERRADO; BRUHNS; LUCHIARI, C.H.M. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. – Campinas, SP: Papyrus, 2001. p. 55-80

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática, 1991.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1989.

MACHADO, D. **Turismo de favela e desenvolvimento sustentável: estudo do Turismo de Favela no bairro de Vila Canoa, zona sul do Rio de Janeiro**.Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

MARIZ, F; FERNANDES, S.R.A; BATISTA, R. Os universitários da favela. In: ALVITO, M; ZALUAR. A (org). **Um século de favela**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.p. 323-338.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**: Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas; tradução Paulo Neves.- São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013.

MAYOL, P. O bairro. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2013.p.37-49.

MENDES, I. C. R. **O uso contemporâneo da favela na cidade do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado (Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura)- FAUUSP. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MORENO, A. **O censo da comunidade de Vila Canoas e o Projeto Construção**: um estudo de caso sobre educação e promoção social em comunidades carentes. Dissertação (Mestrado em Engenharia da computação)– Departamento de Engenharia Industrial, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, R.C. O trabalho do antropólogo: o ver, o ouvir e o escrever. **Revista de Antropologia**. – São Paulo:USP, 2000.

OLIVEIRA, R.J. Turismo backpacker: estudos dos viajantes internacionais no Brasil. **Revista Cultur**, ano 02, n.1. p. 48-64, 2008.

PIMENTEL, A. **Hospedagem domiciliar na cidade do Rio de Janeiro**: espaço de encontro entre turistas e anfitriões. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

QUEIROZ, M.I.P. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. – São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RINALDI, A.A. Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro. In: ALVITO, M; ZALUAR, A (org). **Um século de favela**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.p. 299-322.

SECRETARIA ESPECIAL DE TURISMO. **Hospedagem Domiciliar**: turismo integrado e sustentável- Rio de Janeiro, 2008 (Coleção Turismo do Rio).

RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Municipal de Urbanismo. **O Rio de Janeiro e o Favela-Bairro**. Rio Estudos, n.120, 2003.

ROCHA, O.P. **A era das demolições**: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920- 2ª Ed- Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

ROLNIK, R. **Territórios Negros nas cidades brasileiras**: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Urbanismo). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1989.

SADER; PAOLI, E., MC. Sobre as classes populares no pensamento sociológico brasileiro (nota de leitura sobre acontecimentos recentes). In: CARDOSO, R. **A aventura antropológica**. Teoria e Pesquisa.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 42-58.

SANTOS, M.S. Mangueira e Império: a carnavalização do pelas escolas de samba. In: ALVITO, M; ZALUAR, A (org). **Um século de favela**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 115-144.

ALVITO, M; ZALUAR A (org). **Um século de favela**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SILVA; BLANCHETTE, A.P; T. “Nossa senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento em Copacabana. **Cadernos Pagu** (25), p. 249-280, 2005.

TELLES, V.S. Pobreza e Cidadania. **Caderno CRH**. Salvador, 1993. Disponível em <www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1234>. Acesso em 01.jun. 2015.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. -São Paulo: studio Nobel: SESC, 2001.

VALLADARES, L. P. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**-Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VAZ, L.F. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamento: a modernização da moradia no Rio de Janeiro. **Análise Social**, v. 24, n.127, p. 581-587, 1994. (Revista do Instituto de Ciências Sociais de Lisboa). Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223377187I6iYL2uw3Xe43QN7.pdf>> Acesso em: 27 jun. 2014

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ZALUAR, A. Cidadãos não vão ao paraíso: à guisa da conclusão. In: **Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social**. – São Paulo: Escula; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.p. 175-202.

ZALUAR, A. Crime, medo e política. In: ALVITO, M; ZALUAR. A (org). **Um século de favela**. 5ª ed- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.p. 209-232.

Sites Referenciais

Cidade de Deus. Disponível em < <http://cidadededeus.globo.com/>> Acesso em: 07.agos. 2014.

Dossiê do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos, publicado em maio de 2013. Disponível em < http://comitepopulario.files.wordpress.com/2013/05/dossie_comitepopularcoparj_2013.pdf> Acesso em 8.agos. 2014.

Favela Receptiva. Disponível em <http://www.favelareceptiva.com/index.php?g_op=menu&g_lng=bra&g_valor=Projeto>. Acesso em: 05.abril.2014.

Favela Tour. Disponível em <<http://www.favelatour.com.br/>>. Acesso em: 10.abril.2014.

Guia Rio. Disponível em <<http://www.rioguiarioficial.com.br/>>. Acesso em 07. abril.2014.

História de São Conrado. Disponível em <<http://www.historiadesaoconrado.com.br>>. Acesso em 12.jul.2014.

Núcleo de Memória PUC- Rio. Disponível em < <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/>> Acesso em 25.jul.2014.

Rocinha.org. Disponível em < <http://rocinha.org/>>. Acesso em 26.jul.2014.

Tropa de elite. Disponível em <<http://www.tropadeeliteofilme.com.br/>>. Acesso em: 07.agos. 2014.

Urbanidades. Disponível em < <http://urbanidades.arq.br/>>. Acesso em 20.jul.2014.

Vila Autódromo: símbolo de resistência na Cidade Olímpica. Disponível em < <http://br.boell.org/pt-br/2014/05/15/vila-autodromo-simbolo-de-resistencia-na-cidade-olimpica>> Acesso em: 12. Agost. 2014.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Onde você nasceu? Quais são as recordações da sua infância? O que seus pais faziam?
2. Como foi sua chegada no Rio de Janeiro? Por que sua família veio para Vila Canoas? Como foi o início da vida aqui?
3. Como foi se constituindo a sua família?
4. Em que você já trabalhou? Como foi o recebimento do seu primeiro hóspede? Você se lembra?
5. De onde geralmente vêm os hóspedes? Como ficam sabendo da sua casa?
6. Como faz para se comunicar com os turistas estrangeiros? Conte uma situação.
7. Já fez algum curso para este trabalho?
8. Quais as atividades que você costuma realizar antes, durante e depois da hospedagem? Outros membros da família auxiliam em algumas delas?
9. Como é a relação com os hóspedes? Quais as lembranças mais marcantes que você desde quando começou a trabalhar com o turismo?
10. O que você mais gosta no seu trabalho? O que menos gosta?
11. Quais são os seus ganhos com o turismo? Qual o significado desta atividade para a renda da sua família? Quantas e quais pessoas da família se envolvem nas atividades?
12. Qual a época em que há mais turistas?
13. Quais são as mudanças (no espaço físico ou no cotidiano da casa) que são necessárias quando há turistas?
14. Como é dividido as atividades de hospedagem entre os membros da família? Quem faz o que?
15. Na sua opinião, quais as diferenças da hospedagem doméstica em Vila Canoas para outros locais do Rio ou de São Conrado?
16. Gostaria de deixar algo mais registrado?

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Mestrado em SOCIOLOGIA

Dissertação de Curso

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

E

COMPROMISSO ÉTICO DE NÃO IDENTIFICAÇÃO DO DEPOENTE

Pelo presente documento, **eu**

Entrevistado(a): _____
_____ ,

RG: _____ emitido
pelo(a): _____ ,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

_____, **declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):**

_____ ,

CPF: _____ RG: _____ , emitido
pelo(a): _____ ,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

_____ ,

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado Sociologia na Universidade Federal da Grande Dourados. O(a) pesquisador(a) fica autorizado(a) a

utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, este depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a ressalva de garantia, por parte dos referidos terceiros, da integridade do seu conteúdo. **O(a) pesquisador(a) se compromete a preservar meu depoimento no anonimato, identificando minha fala com nome fictício ou símbolo não relacionados à minha verdadeira identidade.** -----
-----.

Local e Data:

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado/depoente)

(Adaptado do CEDIC-Centro de Documentação e Informação Científica "Professor Casemiro dos Reis Filho" - PUC/SP)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

Mestrado em SOCIOLOGIA

Dissertação de Curso

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, **eu**

Entrevistado(a): _____
_____ ,

RG: _____ emitido
pelo(a): _____ ,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

_____ ,

declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

_____ ,

CPF: _____ RG: _____ , emitido
pelo(a): _____ ,

domiciliado/residente em (Av./Rua/nº./complemento/Cidade/Estado/CEP):

_____ ,

sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de _____, Estado _____, em ____/____/____, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Sociologia da

Universidade Federal da Grande Dourados. O(a) pesquisador(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor. -----
-----.

Local e Data:

_____, _____ de _____ de _____

(assinatura do entrevistado/depoente)

(Adaptado do CEDIC-Centro de Documentação e Informação Científica "Professor Casemiro dos Reis Filho" - PUC/SP)